Maio/Junho 2011
Ano 7_nº46
www.quercus.pt
Distribuição gratuita

Quercus
AMBIENTE

A BIODIVERSIDADE E A SILVA LUSITANA

Página **10_11**

ENTREVISTA A NUNO SEQUEIRA
NOVO PRESIDENTE DA QUERCUS

Página **4_5**

SOBRE AS COMEMORAÇÕES
DO ANO INTERNACIONAL DAS FLORESTAS

Página **7**

NUCLEAR
A AMEAÇA DO ESQUECIMENTO

Página **9**

OS MURMÚRIOS DE UM VULCÃO
AS FURNAS DO ENXOFRE NA ILHA TERCEIRA

Página **24_25**

Mecenas Principal

REN Redes Energéticas Nacionais

Mecenas Jornal

valorpneu

VEOLIA ÁGUA

PEDIDO VOLUNTÁRIOS ESPECIALISTAS

O Núcleo Regional de Lisboa procura voluntários especialistas nas áreas de: Agronomia, Arquitectura Paisagista, Biologia, Direito do Ambiente, Engenharia do Ambiente, Geografia (Planeamento/SIG), Urbanismo, entre outras.

O objectivo é a constituição de um Gabinete Técnico de apoio ao Núcleo para acompanhamento de denúncias ambientais, participação em consultas públicas, elaboração de pareceres e outras colaborações necessárias.

Os interessados deverão enviar o respectivo CV para **lisboa@quercus.pt**

AJUDE A QUERCUS A CONSERVAR A BIODIVERSIDADE

NO TEJO INTERNACIONAL

com um donativo de 25€ receba 2 garrafas de azeite biológico

"AZEITE CEGONHA PRETA"

Em Pleno Parque Natural do Tejo Internacional, no olival centenário do Monte Barata, é produzido este Azeite Virgem Extra em modo de Agricultura Biológica, fomentando a conservação da Biodiversidade. Azeite de categoria superior, obtido directamente de azeitonas, Galega e Cordevil da Beira Baixa, unicamente por processos mecânicos pressão a frio.

QUERCUS ABRAÇA O RIO TUA

Joana Alves e Nuno Sequeira

A Quercus juntou-se no dia 27 de Março aos habitantes de Trás-os--Montes e Alto Douro, e a outras associações ambientais e culturais, num abraço de solidariedade ao Rio Tua.

O objectivo desta iniciativa foi chamar a atenção para a importância da preservação do Rio Tua e de toda a sua riqueza natural e cultural que, caso a construção da barragem prevista pare este local avance, será seriamente afectada. Com efeito, a implementação de uma barragem no vale do rio não traria mais valias reais e significativas em termos energéticos para o país e iria implicar a submersão de parte desta linha ferroviária centenária, que além de meio de transporte, é conhecida como uma das mais belas do país, podendo inclusivamente ser explorada como fonte de receitas para o turismo. Também as consequências ambientais do avanço deste projecto acarretariam alterações nefastas para os ecossistemas locais, nomeadamente para a fauna e flora da região.

Assim, e para mais uma vez tornar pública esta questão, foi organizada uma caminhada ao longo da última parte da linha do Tua, passando pelo local onde se pretende construir a barragem. Esta acção, que teve a participação de cerca de uma centena de pessoas, culminou com a união dos manifestantes num abraço simbólico ao rio e com um debate popular sobre o rio, a barragem e acções futuras.

Luís Avelar

Luís Avelar

"A QUERCUS E OS QUERCUS"

Nuno Sequeira
Presidente da Direcção Nacional da Quercus

"A Quercus e os Quercus" é o título de uma publicação do ano de 1993, da autoria do Professor Jorge Paiva. Olhando agora para os textos dessa publicação, não deixa de ser interessante verificar que apesar dos quase vinte anos passados, muitos dos problemas e preocupações aí revelados, continuam a ser demasiado actuais para os dias de hoje. Monoculturas agrícolas e florestais intensivas, perda de biodiversidade, sobreexploração dos ecossistemas, erosão dos solos, fogos florestais, perda de biodiversidade e espécies invasoras são questões que continuam infelizmente a fazer parte do nosso vocabulário actual.

Neste ano de 2011, que foi designado como "Ano Internacional das Florestas" pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, e cujo tema principal será a "Floresta para todos", é pois importante não perder de vista o objectivo principal desta comemoração que se centra no papel determinante que as florestas desempenham no desenvolvimento global sustentável. E assim, reflectir sobre o que tem sido a intervenção humana nas florestas portuguesas ao longo das últimas décadas e sobretudo corrigir os erros cometidos, aprender com os mesmo e não voltar a repeti-los futuramente.

"A Quercus e os Quercus" pode também ser entendido como a relação íntima que a nossa Associação mantém desde o seu início com o género Quercus. Com efeito, do género Quercus fazem parte algumas das espécies vegetais características dos nossos ecossistemas florestais mais evoluídos, e que em tempos cobriam o nosso país, tais como a azinheira, o sobreiro e alguns tipos de carvalhos, estando entre eles precisamente o carvalho-negral, cuja folha serve de base ao logótipo da Associação. E foi assim que os fundadores da Quercus revelaram há mais de 25 anos a sua atitude pioneira na defesa das espécies autóctones da nossa flora, flora essa que entre muitas outras funções, serve também de suporte à nossa fauna, com espécies tão emblemáticas e características como o lince-ibérico ou a águia-imperial-ibérica.

Nos dias de hoje a Quercus continua obviamente a manter esta preocupação inicial de protecção das espécies autóctones e com projectos tão abrangentes como o Green Cork, o Criar Bosques, a Conservação dos montados, a Rede de Micro-reservas ou o Tejo Internacional, intervém decisivamente na conservação de áreas importantes para diversas espécies autóctones, não só em termos de implementação de medidas concretas no terreno, mas também de mudanças de mentalidade. E são essas mudanças de mentalidade, consubstanciadas em mudanças de atitude na sociedade e nas medidas políticas de ordenamento florestal que devem ser implementadas ao longo deste Ano Internacional das Florestas, para que possamos decisivamente recuperar este valioso património natural que são as nossas florestas autóctones.

"A Quercus e os Quercus" pode contudo ser também entendido com a "Associação Quercus" e os seus membros, "os Quercus", como tantas vezes e de um modo mais informal são tratados os seus dirigentes e activistas. Em mais um momento de viragem na história da Associação, após ter completado um quarto de século de existência em Outubro último e depois da eleição dos novos Órgãos sociais na Assembleia Geral de 26 de Março, é pois altura de apelar à união de todos os "Quercus" em torno da sua "Quercus".

Numa Associação que conta com a força dos seus sócios, dirigentes e colaboradores e onde o trabalho voluntário continua a ser a sua base de sustentação, é pois importante nesta altura de início de mandato deixar uma palavra de apreço a todos aqueles, que no seu dia-a-dia continuam a fazer da Quercus uma força interventiva na sociedade portuguesa. Não serão certamente fáceis os próximos anos, nem em Portugal nem no Mundo, mas com trabalho e dedicação será com certeza possível a Quercus continuar a deixar uma marca positiva na defesa de um melhor Ambiente.

Contamos com todos vós para isso!

EDITORIAL

Nuno Sequeira

ENTREVISTA

a **Nuno Sequeira**
o novo presidente da quercus

“É NECESSÁRIO QUE EXISTA UM CUMPRIMENTO RIGOROSO [...] DA LEGISLAÇÃO DE PROTECÇÃO A ALGUMAS ESPÉCIES FLORESTAIS AUTÓCTONES.”

Nuno Sequeira é licenciado em Educação Física e Desporto, finalista da licenciatura em Biologia e professor do ensino básico e secundário. É sócio da Quercus há cerca de sete anos e voluntário há cinco. Tem exercido na Quercus alguns cargos dirigentes, tais como Presidente do Núcleo Regional de Portalegre, Presidente do Conselho de Representantes e Vice-Presidente da Direcção Nacional. Foi eleito, no passado dia 26 de Março, Presidente da Direcção Nacional da Quercus, encabeçando uma lista onde se encontrava grande parte dos elementos da Direcção Nacional cessante.

Que orientações estão em perspectiva para a Quercus nos dois próximos anos, com esta Direcção Nacional?
No fundo, queremos fortalecer-nos do ponto de vista interno para continuarmos a crescer do ponto de vista externo. No que diz respeito à sua estrutura, a Quercus é uma organização que apresenta já uma certa complexidade, com a coordenação conjunta de algumas centenas de voluntários, dirigentes e colaboradores remunerdos, a “máquina” ainda mais eficiente e ausente de atritos, de modo a conseguirmos cumprir da melhor forma a nossa missão. Isto sem deixar de reconhecer que a Quercus tem sido, sem dúvida, ao longo da sua história um bom exemplo de como é possível trabalhar “em rede”, ganhando em eficácia e eficiência a muitas estruturas mais tradicionais e com outros meios.

Que medidas internas pensam então implementar, de forma a dar corpo a estas orientações?
Bem, do ponto de vista interno vamos por exemplo tentar fortalecer a intervenção em áreas temáticas menos desenvolvidas, sendo que isto implicará naturalmente um maior investimento em termos humanos e de meios nessas mesmas áreas. Vamos também tentar potenciar a ligação e o trabalho conjunto entre a Direcção Nacional e as estruturas regionais, assim como dos recursos já existentes na Associação (por exemplo os grupos de trabalho). Vamos também explorar possibilidades de agilizar procedimentos para estruturas com maiores debilidades em termos de capacidade de resposta em algumas áreas, tentando criar uma lógica de maior equilíbrio a nível nacional, e desenvolver o plano de formação existente.

E ao nível externo, quais serão as apostas desta nova Direcção Nacional?
Julgamos, por exemplo, ser importante manter a aposta no desenvolvimento e aperfeiçoamento de uma componente fundamental da nossa actuação, a interposição de processos judiciais, em situações em que outra solução não é possível.
Vamos apostar também numa intervenção ainda mais alargada por parte de cada uma das áreas temáticas que trabalhamos na Quercus, de modo a continuarmos a marcar a agenda ambiental em Portugal, tanto ao nível da intervenção política, da resposta a denúncias e a pedidos de informação, da participação em debates, etc. Vamos igualmente manter a participação da Quercus nas diversas Plataformas de que faz parte e fomentar o trabalho inter-associativo, essencial como forma a melhor atingirmos certos objectivos comuns.
Relativamente à postura e à atitude da Quercus perante os vários sectores da sociedade, estes podem pois certamente continuar a contar com uma postura de abertura e de diálogo permanente, mas também de aplicação firme dos valores em que acreditamos.

E em termos internacionais, também será de esperar uma Quercus com capacidade de intervenção?
Sim, a cooperação internacional é sem dúvida uma das nossas prioridades, dado que ao nível do Ambiente, raramente os problemas conhecem fronteiras, e é muito importante estarmos em sintonia com outras organizações que trabalham este tema. Assim, a este nível vamos garantir o acompanhamento das várias temáticas através da participação nos diversos fóruns sobre temáticas relevantes para a Associação, sobretudo no contexto europeu, mas também noutros sempre que isso se justifique. E não nos deixaremos certamente de manter activos em assuntos que nos digam respeito muito directamente, como por exemplo nas questões transfronteiriças.

Que áreas serão reforçadas ou terão uma maior aposta?
As áreas temáticas que pretendemos reforçar neste mandato são os Recursos Hídricos, o Ordenamento do Território e a Agricultura sustentável. Temos também já a avançar uma nova temática, a Sustentabilidade, Arte e Cultura e pretendemos, claro, dar continuidade e melhorar a nossa intervenção em áreas onde já temos uma presença bem consolidada como por exemplo a Energia e as Alterações Climáticas, a Conservação da Natureza, os Resíduos e a Educação Ambiental.

Haverá alguma estratégia específica para chamar à associação novos associados?
Sim, vamos procurar melhorar o nosso relacionamento com os sócios, avaliando o seu grau de satisfação com a Quercus e melhorar a comunicação e transmissão dos nossos resultados. Vamos continuar com a agilização dos processos de pagamento de quotas e donativos, de forma a tornar estes processos menos morosos e mais acessíveis. Por outro lado, julgamos que será importante a Quercus apostar no ciberactivismo e em novas formas de comunicação/interactividade com sócios mais jovens, de modo a atraí-los para a Associação, não só como sócios, mas também, se possível, para o trabalho associativo tendo em vista a renovação dos quadros. Vamos também estudar a possibilidade de poder vir a angariar sócios junto de públicos-alvo mais específicos, nos seus locais de trabalho por exemplo. Um ponto que quero destacar é a importância de serem os próprios sócios a tentarem trazer eles mesmos novos sócios à Associação, de modo a fortalecer o trabalho que fazemos, e esse é um apelo que gostaria de aqui deixar.

Nuno Sequeira

Ricardo Nabais

A Quercus participa em inúmeras consultas públicas de Estudos de Impacte Ambiental, o que acha deste tipo de estudos e do próprio processo de Avaliação de Impacte Ambiental? Considera este processo fiável?
Parece-me que este tipo de consultas são muito importantes do ponto de vista da possibilidade de participação dos cidadãos nas decisões políticas. É um direito que as pessoas e as organizações têm em consultar o processo e emitir, de forma mais fundamentada, a sua opinião, pelo que acho que este tipo de procedimentos são imprescindíveis numa sociedade democrática como a nossa. Quando falamos em estudos de impacte ambiental, parece-me que na sua grande parte são elaborados com competência e rigor por empresas devidamente certificadas para tal, podendo contudo existir claro, algumas excepções, mas essas serão certamente uma pequena minoria.

E sobre a independência deste processo e os seus resultados finais?
Sobre a independência de todo o processo, julgo que teremos de melhorar ainda, de forma a torná-lo mais transparente e claro aos olhos de todos. Não deveria, por exemplo, ser o próprio promotor de um projecto a escolher a empresa que vai realizar o estudo de impacte ambiental do seu projecto e essa selecção deveria, sim, ser âmbito de uma escolha por parte uma entidade externa, mediante a realização de um concurso, para que não restassem dúvidas sobre o tipo de relação entre promotor e a empresa que faz o estudo.
Também é um facto que nos últimos anos temos assistido, na nossa opinião, a demasiados projectos com a decisão de “favorável condicionado” o que nem sempre traduz os graves impactes que o projecto tem sobre os valores naturais em presença. E em relação às medidas de compensação e minimização que essa decisão de “favorável condicionado” impõe, sabe-se pela prática que existe uma deficiente implementação e monitorização das mesmas, pelo que a sua eficácia deixa ainda bastante a desejar.

Este ano comemora-se o Ano Internacional das Florestas, que actividades irá a Quercus desenvolver neste âmbito?
A Quercus vai continuar a desenvolver as suas actividades regulares na área da floresta, sensibilizando para a necessidade de proteger as espécies autóctones, tal como o tem vindo a fazer desde a sua fundação. Assim, o projecto Criar Bosques vai continuar a criar e a cuidar de bosques, com árvores e arbustos originais da flora portuguesa, entrando agora numa nova fase. O projecto Green Cork – programa de reciclagem de rolhas de cortiça, vai também seguir com o seu esforço de transformação das rolhas usadas em outros produtos de cortiça, de forma a não só reduzir os resíduos produzidos, mas também sensibilizar para a defesa da rolha de cortiça como produto ecológico, contribuindo assim para a defesa dos montados de sobro.
Estamos também a preparar o lançamento de um outro projecto na área das florestas, um projecto de que em muito em breve teremos novidades mais detalhadas, e que pretende intervir decisivamente na forma como a sociedade portuguesa olha para este património.
Por outro lado, vamos continuar activos na resposta a pedidos e informação e a denúncias que nos chegam sobre eventuais atentados ambientais nesta área, intervindo no terreno e judicialmente, sempre que as condições o justifiquem. É necessário que exista um cumprimento rigoroso, por parte dos agentes económicos e do Estado, da legislação de protecção a algumas espécies florestais autóctones e aquilo que vamos continuar a defender este ano, na linha do que a sociedade exige, é que essas medidas de protecção sejam alargadas a outras espécies autóctones da nossa flora, que ainda não se encontram devidamente protegidas.

Joana Alves

Nuno Sequeira

A Quercus tem seguido uma estratégia de acção que combina a sua capacidade técnica com um conjunto de intervenções mediáticas com alguma dose de irreverência. Essa estratégia é para combinar? Haverá o reforço de alguma delas?
Sim, na verdade esse equilíbrio entre a vertente técnica e a presença no terreno, com a organização de algumas acções mais mediáticas junto da opinião pública, tem sido a marca da Quercus ao longo destes 25 anos de existência. Essa tem sido uma estratégia que tem funcionado e que pretendemos continuar a manter, dado que os resultados são manifestamente positivos. A meu ver, a sensibilização e a educação ambiental são a base de sustentação da nossa actividade, mas por vezes perante certos acontecimentos há que agir de forma mais incisiva e interventiva, e com carácter mais imediato, pelo que não devemos nunca esquecer este carácter de acção que nos caracteriza.

Quais considera serem os principais problemas ambientais do país e do mundo?
Julgo que os principais problemas ambientais a nível mundial são as alterações climáticas e perda de biodiversidade, que em conjunto com o crescimento exponencial da população humana e a alteração dos seus padrões de consumo, podem vir a ter a consequências catastróficas no futuro do nosso planeta.
Em Portugal, os principais problemas passam pelo incumprimento/não aplicação da legislação ambiental, pelo deficiente ordenamento do território, pela fraca qualidade de muitos dos recursos hídricos, pelo agravamento da erosão dos solos e da desertificação, pela proliferação das monoculturas intensivas, mas enfim, poderia apontar muitos outros... O problema maior é que o Ambiente normalmente está no fim da linha de muitos interesses económicos, especulativos e políticos, pelo que é com facilidade ultrapassado pela corrupção, o tráfico de influências e o clientelismo, não sendo assim o resultado final difícil de prever.

Gostaria de referir mais alguma coisa?
Sim, na sequência da resposta anterior, e para não deixar uma imagem pessimista, é evidente que vivemos hoje em dia numa sociedade bastante mais sensibilizada para as questões ambientais mas é essencial, para combater alguns dos problemas que referi atrás, que as pessoas se mantenham realmente proactivas e se envolvam enquanto cidadãos individuais, mas também enquanto membros de organizações colectivas, na defesa dos nossos recursos naturais. Por isso deixo aqui um apelo para as pessoas nos apoiarem, com o que possam e sobretudo com o seu trabalho, de forma a que a Quercus possa fazer cada vez melhor o seu trabalho em prol do Ambiente.

WWF: É URGENTE UMA META PARA TRAVAR A DESTRUIÇÃO DA FLORESTA

planetazul
o portal de ambiente e sustentabilidade

230 milhões de hectares de floresta podem desaparecer até 2050 caso nada seja feito e, por essa razão, os políticos e responsáveis empresariais devem definir uma meta para travar a destruição, conservar a biodiversidade e combater as alterações climáticas, defendeu a WWF, no primeiro capítulo do relatório "Florestas Vivas". "O primeiro capítulo do relatório 'Florestas Vivas', divulgado no passado dia 27 de abril, examina as causas da desflorestação e identifica as oportunidades de mudança nos negócios para um novo modelo de sustentabilidade, que pode beneficiar governos, empresas e comunidades", escreve a organização.

A meta proposta pela WWF deve ter o ano de 2020 como "horizonte de referência mundial". "O objectivo é que a perda de florestas naturais ou semi-naturais seja reduzida a quase zero, contra os actuais 13 milhões de hectares por ano", assume.

PROJECTO INTERNACIONAL CONTRA O USO ILEGAL DE ISCOS ENVENENADOS

Samuel Infante
Núcleo Regional de Castelo Branco da Quercus

Esta a decorrer um projecto LIFE+, "Acções Inovadoras contra o uso ilegal de venenos em áreas piloto mediterrânicas da EU", que visa avaliar e difundir a eficiência de acções inovadoras contra o uso ilegal de iscos envenenados a ser implementadas em oito áreas piloto na Andaluzia, Grécia continental, Creta e Portugal.

Proteger espécies em Perigo
Este projecto está a concentrar-se no combate ao uso ilegal de iscos envenenados em 8 áreas piloto mediterrânicas, onde o uso ilegal de venenos está a afectar espécies em perigo como o Abutre negro, o Quebra ossos, a Águia imperial Ibérica, o Lobo, o Urso entre outras. Este projecto é liderado pela Fundação Gypaetus. Em Portugal conta com os parceiros portugueses QUERCUS e o CEAI - Centro de Estudos da Avifauna Ibérica. Na Grécia os parceiros são a associação grega Arcturos e o Museu de História Natural de Creta.
O projecto tem um orçamento global de 5,660,886€ dos quais 75% co-financiados pela EU. O projecto conta também como co-financiadores com a Consejería de Medio Ambiente da Junta da Andaluzia, a Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e o Ministério do mbiente Grego.

LIFE09 NAT/ES/000533
"Inovação contra envenenamentos"

Áreas piloto em Portugal
Este projecto esta a ser desenvolvido em oito áreas piloto. Em Portugal o projecto está a ser desenvolvido em duas áreas, uma em Castelo Branco, no Parque Natural do Tejo Internacional, Erges e Ponsul e outra na ZPE de Moura-Mourão-Barrancos. Este projecto está enquadrado no âmbito de actuação do Programa Antídoto e irá contribuir significativamente para a implementação da estratégia nacional de combate ao uso ilegal de venenos.
O objectivo principal do projecto é avaliar e disseminar a eficácia de várias acções inovadoras baseadas em compromissos voluntários com os principais núcleos rurais relacionados com o combate ao uso ilegal de iscos envenenados (municípios, caçadores, criadores de gado, etc.). Graças ao carácter demonstrativo das acções previstas, é esperado que melhore significativamente as estratégias anti-envenenamento ilegais e que assim diminua a perda de biodiversidade relacionada com esta prática negligente ao nível da EU. Outro dos objectivos do projecto é calcular objectivamente, por um lado, as acções mais eficazes para combater o envenenamento ilegal em cada contexto - incluindo os factores que o influenciam e, por outro lado, a evolução real desta ameaça ao longo do desenvolvimento do projecto em cada área piloto.

Utilização ilegal de iscos envenenados
O uso ilegal de iscos envenenados é a principal causa de morte não natural para várias espécies em perigo de extinção a nível europeu, tais como a Águia imperial Ibérica, o Abutre Negro, o Quebra Ossos, entre outros, e é uma das causas principais de morte não natural para outras espécies em perigo como o Lobo ou o Urso.

José Garcia

PRÉMIO TÉGULA ROMANA

Joana Alves e Nuno Sequeira
Direcção Nacional da Quercus

A Quercus foi distinguida pela Plataforma Ciudadana Refinería NO com o prémio Tégula Romana. No passado dia 20 de Março, seis anos após a primeira manifestação pública contra a construção de uma refinaria de petróleo em Terra de los Barros, na Extremadura Espanhola, a Plataforma Ciudadana Refinería NO quis reconhecer o trabalho de quatro associações de defesa do ambiente que colaboraram na contestação a este projecto.

Assim, a QUERCUS, a Greenpeace-Espanha, a Associação Ecologistas em Acção e a WWF/Adena foram as distinguidas deste ano com o prémio Tégula Romana, prémio que simboliza o esforço desenvolvido por diversas entidades em prol desta causa e a forma como têm ajudado a passar a mensagem à sociedade.
Na manhã do dia seguinte realizou-se também uma caminhada até ao local onde estaria prevista a construção da refinaria. Numa altura em que se espera que venha a ser conhecida a declaração de impacto ambiental do projecto, a QUERCUS juntou-se às cerca de 200 pessoas nesta acção simbólica, com vista a chamar a atenção para os efeitos ambientais negativos deste projecto.

Espera-se com mais estas iniciativas chamar a atenção para as consequências nefastas que se prevêem vir a existir para ambos os países caso este projecto avance, exigindo igualmente aos Governos Português e Espanhol que tomem a decisão de não autorizar a construção da refinaria.

Idalina Perestrelo

SOBRE AS COMEMORAÇÕES DO ANO INTERNACIONAL DAS FLORESTAS

Joaquim Sande Silva

Sob a égide da UNESCO, comemora-se em 2011 o Ano Internacional das Florestas. Portugal, com cerca de 1/3 do território com ocupação florestal, deveria aproveitar este ano para reflectir sobre a floresta que quer, já que as razões para celebrar são muito poucas. Na verdade é com muita apreensão que verificamos que a evolução da floresta no nosso país tem sido no sentido de uma cada vez maior degradação e insustentabilidade. Para este estado de coisas contribuem basicamente três factores que se encontram muito interligados e que listamos por ordem de importância.

1. O problema do abandono e da falta de gestão. Apesar de se multiplicarem as Zonas de Intervenção Florestal (ZIF), a realidade no terreno não reflecte de forma alguma essa evolução. Factores diversos têm criado dificuldades ao processo de funcionamento das ZIF. Sobretudo a necessidade de autorização dos proprietários aderentes para a realização de operações de interesse comum, fazem com que as ZIF sejam apenas figuras formais que pouco ou nada têm contribuído para mudar a realidade no terreno. Paralelamente continuamos a não ter em marcha qualquer iniciativa no sentido de levar definitivamente em frente a realização de um cadastro das propriedades florestais, apesar dos sucessivos anúncios a este respeito. A ocorrência de incêndios e a falta de medidas efectivas de fomento das actividades e serviços ligados à floresta têm levado ao abandono de muitas parcelas de terreno florestal por parte dos proprietários. A muito falada compensação das externalidades geradas pela floresta continua a ser uma figura de retórica, já que até agora não foi possível dar um único passo concreto por parte do Estado nem da União Europeia, a este respeito.

2. O problema das espécies exóticas invasoras. Trata-se não só de um dos maiores problemas da conservação da natureza em Portugal, mas também de um enorme problema ao nível da prevenção de incêndios. A importância desta questão prende-se sobretudo com o seu carácter quase irreversível, dadas as tremendas dificuldades em parar a expansão destas espécies logo que se instalam. Em particular há a referir as enormes dificuldades em conter a expansão de algumas espécies de acácia. Por outro lado é importante referir que o Estado tem assistido impávido à expansão do eucalipto em Portugal. Tem-se tornado claro o carácter invasor do eucalipto em muitas regiões do nosso país. Esta tendência foi recentemente denunciada por um comunicado conjunto de organizações ambientalistas espanholas, que detectaram a mesma situação em Espanha. A situação é tanto mais grave quanto a área de eucaliptal em Portugal é já superior à de qualquer outro tipo de "floresta". Se pensarmos que não há nenhuma espécie nativa que possa competir em crescimento com o eucalipto, é fácil perceber as consequências desta expansão para os ecossistemas naturais e para outros usos do solo.

3. O problema dos incêndios florestais. Trata-se de um problema que continua a colocar o nosso País numa situação de destaque pela negativa a nível Europeu, na medida em que continuamos a ter valores relativos de área queimada e sobretudo de ignições, absurdamente elevados, quando comparados com os restantes países do Sul da Europa. O objectivo já de si muito pouco ambicioso de reduzir a área média queimada para valores inferiores a 100.000 ha, preconizado pelo Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios, foi largamente ultrapassado em 2010, tendo-se atingido uma área ardida total superior a 133.000 ha. Por outro lado o número de ignições continua a atingir valores absolutamente inaceitáveis, tendo-se registado em 2010 um número total superior a 22.000 ocorrências.

Facilmente se compreende a interligação entre os 3 factores referidos. Os incêndios levam frequentemente ao abandono das terras; em muitos casos o abandono dá lugar à ocupação por espécies exóticas como as acácias, os eucaliptos, ou as háqueas; estas espécies formam complexos de combustível altamente susceptíveis ao fogo; estas formações voltam a arder, completando o ciclo. Desta forma parece vislumbrar-se um ciclo de degradação sem fim à vista, perante a passividade e a falta de sensibilidade dos serviços do Estado. Muito embora ainda não se trate de uma realidade extensível a todo o território nacional, trata-se de um problema de dimensões gravíssimas, pelos custos económicos, ecológicos e sociais que envolve. Paralelamente vimos assistindo à degradação das poucas áreas de floresta nativa que ainda restam, tal como aconteceu em 2010 com os incêndios que ocorreram no Parque Nacional da Peneda Gerês.

Enquanto tal acontece, para onde vão os dinheiros do Fundo Florestal Permanente, alimentado pelos cidadãos deste país? Para além das ZIF de utilidade duvidosa, uma boa parte dos recursos financeiros são anualmente gastos no funcionamento de Gabinetes Técnicos Florestais cujo trabalho dificilmente se vê reflectido no terreno. No entanto podemo-nos orgulhar de ter uma das maiores panóplias de figuras de planeamento ligadas à floresta, de toda a Europa. Siglas não faltam: PNDFCI, PDDFCI, PMDFCI, POM, POQ, PFC, PROF, PGF... Tudo isto para quê? Num período em que o País se verga de forma dolorosa ao equilíbrio das contas do Estado, este é um excelente exemplo de como se gastam inutilmente os dinheiros públicos em Portugal.

Muito gostaríamos de poder transmitir uma mensagem de optimismo neste Ano Internacional da Floresta. Muito gostaríamos de poder fazer coro com os discursos piedosos e politicamente correctos sobre as virtudes da floresta portuguesa. Infelizmente os factos não nos dariam razão se tal fizéssemos. Infelizmente também, há muito pouca informação por parte dos cidadãos relativamente à real situação da floresta em Portugal, o que faz com que a Sociedade esteja muito pouco atenta aos problemas existentes. O cidadão comum, cada vez mais urbano, continua a viver sob a ilusão de uma provenientes de outras regiões (veja-se o logótipo da própria Autoridade Florestal Nacional por exemplo), ignorando que a realidade da floresta do nosso país é bem diferente da floresta do nosso imaginário. Por isso é importante que a Sociedade esteja melhor informada e melhor sensibilizada para os problemas da floresta em Portugal. É talvez esse o maior contributo que poderemos dar para tentar mudar o futuro pouco animador que se vislumbra para a floresta do nosso país. Esperemos que as comemorações do Ano Internacional das Florestas possam pelo menos vir a contribuir para esse contributo.

Idalina Perestrelo

SOBREIRO COMO ÁRVORE NACIONAL DE PORTUGAL

Associações Árvores de Portugal
e Associação Transumância e Natureza

Árvores de Portugal

"O sobreiro em Portugal, sóbrio, rústico, complacente e bonacheirão, vegeta em toda a parte e sujeita-se, com singular e impressionante humildade, às condições mais diversas, por vezes as mais pobres."

Joaquim Vieira Natividade
in Aspectos da Cultura do Sobreiro em Portugal

As associações Árvores de Portugal (AP) e Transumância e Natureza (ATN) formalizaram no passado dia 30 de Outubro, à sombra do secular sobreiro do Cachão, com um aperto de mão entre os respectivos presidentes, o desejo de ver o sobreiro consagrado, oficialmente, como a Árvore Nacional de Portugal.

Apesar do sobreiro já estar protegido pelo Decreto-Lei n.º 169/2001, é entendimento de ambas as associações, que o simbolismo da classificação desta espécie como Árvore Nacional de Portugal reforçará o reconhecimento da importância do sobreiro para o nosso país e aumentará a pressão, junto dos diversos poderes, no sentido de serem encontradas novas soluções para os problemas que afectam esta espécie e os sectores de actividade que dela dependem.

Assim sendo, a caminhada que agora se inicia, visa não apenas a classificação do sobreiro como a árvore nacional do nosso país, mas, igualmente, ajudar a criar uma plataforma que funcione como um lóbi de defesa do sobreiro e da sua cultura, procurando ser parte activa na procura de soluções para alguns casos concretos que serão divulgados futuramente.

Esta iniciativa tem o seu ponto de arranque com a divulgação do comunicado que a seguir se transcreve, o qual será enviado à comunicação social. Em breve, será criado um blogue e uma página no Facebook, como forma de publicitar a iniciativa e de angariar apoios e sugestões.

As associações Transumância e Natureza e Árvores de Portugal pretendem, com o presente comunicado, lançar um movimento que visa desencadear o processo de atribuição ao sobreiro do estatuto simbólico de Árvore Nacional de Portugal.

Para fundamentar esta pretensão, encontram-se, entre outros, os seguintes motivos:
1. Por ser uma espécie com ampla distribuição no território nacional continental, presente desde o Minho ao Algarve, em diferentes ecossistemas naturais. O sobreiro ocupa em Portugal perto de 737 000 hectares (dados do Inventário Florestal Nacional de 2006, não incluindo alguns povoamentos jovens), o que corresponde a cerca de 32% da área que a espécie ocupa no Mediterrâneo ocidental.
2. Pela enorme biodiversidade associada aos habitats dominados pelo sobreiro, incluindo espécies em sério risco de extinção e com elevado estatuto de conservação, consideradas prioritárias a nível nacional e internacional.
3. Pelo facto dos montados serem um excelente exemplo, de como um sistema agro-silvo-pastoril tradicional pode ser sustentável, preservando os solos e, desse modo, contribuindo para evitar a desertificação e consequente despovoamento/desordenamento do território.
4. Pela crescente relevância que os bosques de sobreiro e os montados, incluindo a biodiversidade associada, estão a conquistar junto de novos sectores, como o sector do turismo, traduzindo-se numa mais-valia para as populações locais e para a economia nacional. Sublinhe-se que, na actualidade, existem entidades ligadas a este sector de actividade, que pretendem candidatar o montado a Património da Humanidade, com base no reconhecimento de que se trata de um ecossistema único no mundo.
5. Pela sua importância económica e social, resultante do facto de Portugal produzir cerca de 200 000 toneladas de cortiça por ano (mais de 50 % do total mundial), sendo este sector o único onde o nosso país possui uma posição de liderança a nível internacional, desde a matéria-prima até à comercialização, passando pela transformação. A perda desta liderança representaria um descalabro económico, social e ambiental sem paralelo para o nosso país.

As duas associações que subscrevem este documento tudo farão para que, futuramente, se possam juntar a este movimento, diversas instituições nacionais e todos os cidadãos a título individual que assim o desejem, incluindo todos os que, directa ou indirectamente, estão relacionados com a cultura do sobreiro e com os produtos e serviços que dependem desta espécie e das formações vegetais que domina, com especial destaque para a indústria corticeira.

Estamos cientes que, apesar da vigência do Decreto-Lei n.º169/2001, há ainda um longo caminho a trilhar, junto das diversas instâncias da sociedade, para se conseguir uma sensibilização que conduza a uma efectiva preservação desta espécie e dos valores biológicos, paisagísticos, económicos e culturais associados à mesma.

A classificação do sobreiro como Árvore Nacional de Portugal, poderia, em adição ao simbolismo do acto, ajudar a tornar mais visíveis os graves problemas associados, no presente, à cultura e preservação desta espécie, contribuindo, desta forma, para aumentar a pressão no sentido de se alcançarem as soluções necessárias para os mesmos.

A Quercus apoia este movimento, por isso fazemos uma apelo a todos os sócios que ainda não o fizeram, assinem a petição pelo sobreiro em http://www.peticaopublica.com/?pi=sobreiro

E divulguem este movimento, mais informações no blog do movimento: http://sobreiro-portugal.blogspot.com

QUER TOON

Garrafas, embalagens e cartão,
Lixo no campo, de certo não
Se, cheios, os pôde transportar,
Levá-los vazios, há-de suportar!
Daí- que lhe peço, por grande favor,
Que os deposite no seu contentor!

Toshifumi Kitamura-AFP

A AMEAÇA DO ESQUECIMENTO

MICROSCÓPIO

Susana Fonseca

O mês de Março de 2011 ficará na história como mais um momento de tomada de consciência dos riscos associados à utilização da energia nuclear para fins civis (para os outros fins os riscos nunca deixaram de estar presentes).

Com o acidente na Central de Fukushima caiu por terra a encenação levada a cabo pelos defensores do nuclear nos últimos anos. E não estivemos perante uma encenação amadora. No espaço de uma década a energia nuclear passou de forma de produção de electricidade que mesmo após mais de 50 anos de utilização e da injecção massiva de subsídios e fundos públicos para procurar resolver as suas "externalidades" mais visíveis, continua sem encontrar solução para os seus principais problemas, a uma forma limpa de produção de electricidade. Num curto espaço de tempo, a energia nuclear passou a tecnologia limpa, salvadora do mundo em desenvolvimento descontrolado que não consegue pôr mão no seu ímpeto emissor de gases com efeito de estufa.

Contudo, de todo este contexto, agora complementado por este acidente muito grave no Japão (já classificado ao nível do que ocorreu em Chernobil há 25 anos atrás), o aspecto mais relevante para reflexão poderá bem ser: o que tornou possível este esquecimento colectivo dos riscos associados ao uso da energia nuclear para produzir electricidade.

O facto é que, aproveitando-se da tendência humana para se concentrar nos problemas com que mais recentemente teve que lidar e nas dificuldades em desenvolver abordagens integradas, os defensores da opção pela energia nuclear conseguiram vender os seus argumentos apresentando-a como limpa, de confiança, estável e segura. E eis que, por um passe de magia, foi como se:
• o urânio não tivesse que ser explorado, com todos os impactes que tal implica em todas as dimensões da sustentabilidade - ambiental, económica e social - sobejamente conhecidos em Portugal;
• os resíduos deixassem de existir, não subsistisse o problema de não sabermos o que lhes fazer, e se a sua existência tivesse deixado de se manter por milhares de anos (muito para além do tempo previsto de utilização do urânio, cujas reservas, a uma utilização semelhante à actual, se prevê que se prolongarão por, no máximo, 70 anos, ou seja, as gerações futuras ficarão com o ónus de cuidar e de se protegerem dos resíduos que produzimos com a utilização desta tecnologia, mas não poderão usufruir da mesma);
• o risco de proliferação nuclear, ou seja, a possibilidade de a par com a utilização civil da energia nuclear se desenvolverem programas militares de armamento nuclear (já para não falarmos da possibilidade de extravio de material para utilização em actos de terrorismo) tivesse desaparecido;
• grande parte dos riscos associados à existência e laboração destas centrais deixassem de ser segurados por todos nós – contribuintes - uma vez que nenhuma seguradora assume o risco total de algo correr mal numa central nuclear;
• o desmantelamento das centrais, à medida que vão chegando ao final da sua vida, não fosse um quebra-cabeças em termos técnicos mas, principalmente, em termos financeiros;
• a questão económica tivesse ficado resolvida; isto quando, nos países desenvolvidos já com experiência nesta área (ou seja, com centrais nucleares em funcionamento e com estruturas de regulação implementadas há anos), nenhuma empresa avança para a construção de novas centrais sem garantias e apoios dos governos nacionais, ou seja, de todos nós. Em suma, aqueles que mais levantam a voz contra os apoios que são dados às renováveis, são os primeiros a estender a mão e a apresentar um amplo rol de razões para não poderem avançar por sua conta e risco;
• em todo o processo – desde a exploração e preparação do urânio, a construção da central, o encaminhamento e armazenamento dos resíduos ou o desmantelamento da central no final da sua vida útil – não houvesse emissões de gases com efeito de estufa;
• e, claro, foi como se nunca tivessem existido acidentes nucleares muito graves, como o de Chernobil

E todo este debate em torno da energia nuclear acaba por nos desviar do que é verdadeiramente essencial e merece a nossa atenção – a poupança de energia, a eficiência energética e as fontes de energia renovável. O futuro passa por aí e não por tecnologias que, mais de 50 anos passados desde o início da sua utilização em larga escala, ainda não conseguiram atingir a maturidade.

A título de exemplo, um estudo realizado pela organização Ecos –uma organização chapéu europeia que é a voz das ONG de ambiente na área da definição de standards e especificações para produtos e serviços (http://www.ecostandard.org/) - demonstrou que se a directiva 2005/32/CE relativa ao ecodesign de produtos consumidores de energia for aplicada em pleno (e muito embora não seja muito ambiciosa), até 2020 o potencial de poupança de energia é o equivalente a 16 centrais idênticas às de Fukushima. Em suma, com a aplicação em pleno de apenas uma directiva comunitária será possível eliminar a necessidade de construir 16 centrais nucleares. Isto para além de trabalhar com a conservação e poupança de energia ser, na esmagadora maioria das vezes, mais barato, mais lucrativo, de aplicação mais rápida (particularmente se houver vontade política) e livre de riscos.

Mas é tão fácil deixarmo-nos ir nas vagas do tempo e permitir que as nossas memórias se desvaneçam. Pensar que, só porque não tivemos um acidente grave para nos avivar a memória, isso é um sinal que uma dada tecnologia é segura. Resistir à ideia que no futuro a energia será produzida, distribuída e consumida de forma muito diferente (mais diversificada, descentralizada e poupada). Deixarmo-nos embalar com as histórias que os promotores da energia nuclear nos contam, procurando convencer-nos que os que os preocupa é o bem comum.

Infelizmente continuamos a precisar de acidentes como o que ocorreu em Fukushima no passado dia 11 de Março para reordenarmos as nossas prioridades. No meio da tragédia é bom testemunharmos um despertar para os riscos desnecessários que a construção de novas centrais, bem como a extensão dos tempos de vida das centrais em funcionamento, colocam e uma tomada de consciência sobre as inequívocas vantagens das alternativas: conservação de energia, eficiência energética e fontes renováveis de energia. Para o futuro é fundamental que o incontornável esquecimento não nos desvie do caminho que sabemos que temos que trilhar a bem da sustentabilidade.

TEMA EM DESTAQUE

A BIODIVERSIDADE E A SILVA LUSITANA (CONTINENTE E ILHAS) PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Jorge Paiva (Biologo)
Centro de Ecologia Funcional
Universidade de Coimbra

Quem se desloca actualmente através da maioria das nossas montanhas e do nosso litoral, não faz a mínima ideia do que foi a cobertura florestal de Portugal Continental e Ilhas.

Ao verem-se muitas das nossas serras desarborizadas, quase sem vegetação, mais parecendo desertos rochosos, pode julgar-se que foi sempre assim, quando, na realidade, Portugal Continental esteve completamente coberto de floresta até ao topo da Serra da Estrela.

Praticamente o mesmo se aplica aos Açores, com as ilhas praticamente desarborizadas, ou arborizadas com exóticas, não imagina que estas ilhas estiveram cobertas pela *laurisilva,* cujo maior testemunho em território português se encontra na Madeira e é Património Natural da Humanidade. De acordo com alguns autores, no Arquipélago da Madeira, a *laurisilva* ocupava uma vasta área em redor da ilha da Madeira, entre os 700 e 1300 m de altitude, com precipitações superiores a 1700 mm, e na ilha de Porto Santo houve um tipo de *laurisilva* termófila com Barbuzano (*Apollonias barbujana*). As desertas e Selvagens não têm condições para terem este tipo de floresta. Como a *laurisilva* da Madeira é Património Natural da Humanidade e uma atracção turística relevante, consideramos que não corre riscos de desaparecer.

No Arquipélago dos Açores, muito mais húmido do que o Arquipélago da Madeira, a área potencial de *laurisilva,* abrange praticamente todo o território (95%) e todas as ilhas, pois apenas 5% do território está acima dos 800 m de altitude. Como estas ilhas são menos acidentadas do que a ilha da Madeira, o derrube da *laurisilva* para práticas agrícolas e para a pecuária, foi mais fácil. Por isso, a área de *laurisilva* remanescente neste Arquipélago é muitíssimo inferior do que no da Madeira.

Quando os portugueses aportaram a estas ilhas, não havia ali carvalhos, castanheiros ou pinheiros, pois estas espécies de árvores não são componentes constituintes da *laurisilva,* que ali se manteve durante a última glaciação (*Würm*).

A história da nossa floresta (*silva*, em latim), nunca é referida nas Escolas, quando foi extremamente relevante para a conquista do nosso território continental e para os descobrimentos. A floresta portuguesa (*silva lusitana*) desde que o homem habita a Península Ibérica, foi muito importante para acoitar os lusitanos quando Viriato lutou contra os romanos; para refúgio dos nossos exércitos nas pelejas contra os mouros; assim como também o fizeram os franceses que acoitaram os seus exércitos clandestinos no "*maquis*" na luta contra a ocupação alemã na última Grande Guerra; os vietnamitas que se refugiaram nas florestas tropicais (*pluvisilva*) na guerra contra os americanos e os povos africanos fizeram o mesmo nas lutas para as respectivas independências.

Jorge Paiva

Prados lima. Lamas de Mouro

Jorge Paiva

Pinhal. Serra do Açor

Durante as grandes mudanças climáticas pleistocénicas, com avanços e recuos dos gelos continentais (glaciações), o nosso território continental esteve coberto de florestas diferentes das actuais. Antes da última glaciação (*Würm*), já com a espécie humana a viver na Península Ibérica, com um clima subtropical e húmido, o nosso "rectângulo" estava coberto de uma floresta de lenhosas sempre-verdes (folhagem persistente), com composição semelhante à que se observa, ainda hoje, nos Açores, Canárias e Madeira. Nestes arquipélagos essa floresta (*laurisilva*) não foi devastada pela última glaciação, porque as ilhas, estando rodeadas de água, um líquido termo-regulador, as temperaturas não atingiram os baixos valores das regiões continentais. Assim, a *laurisilva* sobreviveu ali, enquanto foi destruída nas regiões continentais. A ilha da Madeira foi assim designada por estar densamente coberta dessa floresta. A madeira das árvores dessa floresta é muito mais resistente que a dos carvalhos do continente, por isso, os nossos museus possuem muito mobiliário antigo e até outras peças, como alguns instrumento de música, em madeira dessas árvores, particularmente de vinhático (*Persea indica*). Este ecossistema (*laurisilva*) é assim designado por ser um tipo de floresta com árvores da família das Lauráceas, como o loureiro (*Laurus nobilis* e *Laurus azorica*), o til (*Ocotea foetens*), o vinhático (*Persea indica*) e o barbuzano (*Apollonias barbujana*).

Durante a última glaciação (*Würm*) o nosso país passou a ter um clima extremamente frio. Assim, a laurisilva praticamente desaparece de Portugal Continental, passando o país a ter uma cobertura florestal semelhante à actual taiga que circunda a parte continental norte do globo terrestre, em torno do círculo polar árctico. São disso testemunho as relíquias do pinheiro-de-casquinha (*Pinus sylvestris)* que ainda se encontram em algumas das zonas montanhosas mais frias do Gerês (Borrragueirinho e Matança-Covo, Ribeira das Negras).

Após as glaciações, com o desaparecimento da *laurisilva* e da taiga, o respectivo nicho ecológico continental foi ocupado por uma nova floresta com espécies arbóreas mais adaptadas ao novo clima. Entre essas espécies lenhosas, predominam árvores da família das Fagáceas, como os carvalhos (espécies do género *Quercus*), a faia (*Fagus sylvatica*), que chegou naturalmente só até à vizinha Galiza, tendo sido introduzida no nosso país antropicamente (acção humana) e o castanheiro (*Castanea sativa*). Por isso, a este tipo de floresta devemos chamar *fagosilva* em consonância com a referida laurisilva. Portanto, quando a nossa espécie (*Homo sapiens sapiens*) se instala na Europa (há ± 40-35 mil anos), em plena última glaciação (*Würm*) vai "assistir" e talvez "colaborar" na formação da *fagosilva*, que em Portugal é uma floresta mista de lenhosas caducifólias e de algumas sempre-verdes (relíquias da *laurisilva* e da taiga).

Os lusitanos eram, pois, um povo que vivia desta floresta que lhes fornecia caça, peixe, frutas, farinha de bolota para o pão (não conhecia o trigo), castanha (substituída pela batata após os Descobrimentos) e verduras (veiças). É disto testemunho, o que Estrabão refere ao descrever o povo que os fenícios encontraram (primeira idade do Ferro) neste extremo ocidental europeu (*"...três quartas partes do ano alimentam-se sempre com bolotas secas, partidas e esmagadas, com as quais fazem um pão que se conserva muito tempo. Uma espécie de cerveja é a sua bebida ordinária..."*). São também testemunho disto, os pães de castanha ou pão dos bosques, a "bola sovada" (falacha) e "pratos relíquias" à base de castanha, como o paparote ou caldulo que ainda se comem em algumas regiões beirãs, e, ainda, alguma "actividade social" baseada na castanha, como, os magustos, estando as brechas (apanha prévia, pela garotada) e os rebuscos (apanha das sobras pelos aldeões de fracos recursos) praticamente em desuso.

Quando o homem inicia o cultivo de cereais (trigo e cevada) e a domesticação de animais (cabra, ovelha e porco) há cerca de 8-7 mil anos, inicia-se a degradação da *fagosilva*. Uma parte das montanhas do norte do país, como, por exemplo, a serra de Castro Laboreiro, talvez já estivesse com a floresta muito degradada no início da nossa nacionalidade. A riqueza arqueológica dessa região (mamoas, castros, etc.) assim o comprova. Essa degradação continuou depois com a pastorícia e agricultura rural até aos nossos dias, de que as brandas, inverneiras, vezeiras, socalcos e prados-de-lima são ainda o testemunho desse património cultural a preservar.

Por outro lado, os Descobrimentos e respectiva Expansão tiveram grande impacte na devastação das formações florestais do nosso país. A investigação histórica florestal sobre as orientações da evolução dos ecossistemas florestais que acompanharam os rumos da política económica em distintas épocas, confirmam que os Descobrimentos tiveram uma grande responsabilidade na exploração e declínio das florestas europeias e, evidentemente, também das de Portugal.

Inicialmente, para a construção naval, foi utilizada madeira de azinheira (*Quercus ilex subsp. ballota = Q. rotundifolia*) e de sobreiro (*Quercus suber*), pela abundância destas árvores nas proximidades dos estaleiros da capital. Porém, devido à utilidade destas duas espécies de carvalhos, proibido o abate destas duas preciosas e úteis espécies de árvores, tendo sido substituídas pelo carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), o carvalho de maior porte que temos [para cada nau eram necessários entre dois mil a quatro mil carvalhos]. Outras madeiras utilizadas, mas em menor quantidade, portanto, com fraco impacte ambiental, foram o pinho (*Pinus pinea*) para a mastreação e vigamento e o castanho (*Castanea sativa*) para o mobiliário. Só para a "Campanha de Ceuta" foram necessárias 200-300 naus e durante a Expansão dos Descobrimentos, para a Índia construíram-se 700-800 naus e para o Brasil cerca de 500. Portanto, durante essa época derrubaram-se mais de 5 milhões de carvalhos. Foi assim que se desflorestou grande parte do país, tendo desaparecido muitos dos nossos riquíssimos carvalhais, plenos de Biodiversidade. O declínio não foi apenas de plantas. O urso, por exemplo, extinguiu-se, nessa época, em Portugal.

Jorge Paiva

Pinus syllestris. Matança. Ribeira das Negras

Jorge Paiva

Eucaliptal. Serra de Ossa

Como se referiu, para as naus foi usado, fundamentalmente, madeiramento de carvalho-alvarinho (*Quercus robur*). Mais tarde, para a construção da rede de caminho-de-ferro, foram derrotadas as florestas onde predominava o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), cuja madeira servia para fabrico das travessas das vias férreas.

Assim, as montanhas, particularmente as da região entre o Douro e o Tejo, foram praticamente desarborizadas e, portanto, erodidas, tendo sido o respectivo solo arrastado, assoreando os rios. O Mondego, por exemplo, assoreou de tal modo e tão rapidamente, que as freiras do Convento de Santa-Clara-a-Velha, que ali se instalaram no início do século XIV, três séculos depois (1677), isto é, após o auge da Expansão, tiveram que o abandonar, devido ao assoreamento do rio Mondego. Actualmente, em frente a Coimbra, o rio tem 30-40 metros de altura de areia.

Com as montanhas desarborizadas, a população passou a viver do pastoreio. A pastorícia intensiva também teve grande impacto na destruição da flora portuguesa, utilizando gados nacionais, mas também espanhóis na época medieval. A transumância dos rebanhos das planícies para a montanha no verão e vice-versa no inverno, só decaiu grandemente durante o século XX. Os rebanhos vindos de regiões que rodeavam as nossas serras, juntavam-se aos serranos, agrupando-se os animais em rebanhos de 1-3 mil ou mais cabeças de gado, à guarda de pastores serranos. A quantidade de animais que pastava nas serras era muito elevada, degradando os ecossistemas florísticos da montanha, com a consequente erosão dos solos.

Os fogos e a prática das queimadas nas regiões agrícolas e também nas regiões de pastoreio, contribuíram e continuam a contribuir para a desertificação das nossas montanhas.

As referências de fogos em Portugal podem remontar-se, pelo menos, aos fins do século XII, e os seus nefastos efeitos operaram uma modificação quase integral na cobertura vegetal de Portugal, e o consequente assoreamento de uma grande parte dos nossos rios.

A destruição foi tal que os ecossistemas florestais portugueses, de que ainda possuímos algumas relíquias muito degradadas, foram sendo substituídos por urzais (*Erica* spp. e *Calluna vulgaris*), giestas (*Cytisus* spp.) e tojais (*Ulex* spp.) ou formações naturais mistas de urzes, giestas, tojo e carqueja (*Pterospartium tridentatum*), vulgarmente conhecidos pela designação genérica de matos.

A partir de certa altura, essas áreas de mato foram rearborizadas com o pinheiro bravo (*Pinus pinaster*). O primeiro Regimento de Reflorestação que conhecemos são as leis publicadas em 1495 e integradas nas Ordenações Manuelinas. Com a conhecida Lei das Árvores de 1565, que constitui uma política de promoção de rearborização nos baldios ou propriedades privadas de todos os municípios, dá-se o incremento do pinhal.

Jorge Paiva

Medronheiro (Arbutus unedo)

Esta lei realça a prioridade das resinosas, o que constitui um marco importante na história florestal do nosso país, tendo-se dado, portanto, o início da difusão dos pinheiros pelas montanhas portuguesas e, praticamente, por todo o território. Mas a lei, além dos pinheiros, menciona também castanheiros e carvalhos e "outras quaisquer árvores". Já nessa altura se indicavam as folhosas para as arborizações, e não apenas resinosas. Aliás, era obrigatória a utilização de folhosas, mas, infelizmente, também já nessa altura, não se cumpriam as leis. Muitos municípios não cumpriram a lei alegando desconhecimento da mesma ou alegando que os castanheiros, figueiras, carvalhos, amoreiras, etc., não nasciam "por a terra ser tão fria", o que é realmente estranho num país onde aquelas espécies nascem e crescem naturalmente.

O pinheiro bravo ecologicamente é uma árvore bem adaptada aos ambientes de Portugal atlântico. Tendo sido semeado com maior profusão do que o pinheiro manso e do que as folhosas, tendo ampliado extraordinariamente a respectiva área, particularmente depois da criação dos "Serviços Florestais" e da política de arborização do "Estado Novo", tendo-se criado em Portugal a maior área de pinhal contínuo da Europa.

As nossas montanhas transformaram-se então num imenso pinhal, outrora cobertas fundamentalmente por carvalhais caducifólios.

Para sul do Tejo, apesar de se terem devastado muitos sobreirais e quase todos os montados de azinho, particularmente após a célebre campanha do trigo, o pinhal, quer de pinheiro bravo quer de manso, nunca teve grande implantação.

A partir de meados do século passado (XX) os pinhais têm vindo a ser substituído por eucaliptais, particularmente de *Eucalyptus globulus*. Os eucaliptos interessam mais às celuloses por serem árvores de crescimento mais rápido do que os pinheiros. Nas últimas décadas incrementaram-se tão desenfreadamente as plantações de eucaliptos que se criou em Portugal a maior área de eucaliptal contínuo da Europa.

Com as montanhas ocupadas por eucaliptais, deu-se o êxodo rural pois, como os eucaliptos são cortados periodicamente de dez em dez anos, o povo não fica dez anos a olhar para as árvores em crescimento, sem ter mais nada que fazer. Isto porque os eucaliptais não dão para mais nada a não ser madeira para as celuloses, pois além de não terem praticamente mato útil, não podem ser cortados para lenha nem fornecem boa madeira para construção ou mobiliário. Assim, o povo além do abandono rural a que foi "forçado", ficou ainda numa dependência económica monopolista, um risco para o qual não é, nem nunca foi, alertado.

Jorge Paiva

Pinus sylvestris.Borrageirinho

Jorge Paiva

Incêndio Florestal. Arredores de Coimbra

Jorge Paiva

Tojal-Urzal. Serra do Açor

Como é do conhecimento geral, a partir de 1975 aumentaram espectacularmente os fogos florestais em Portugal, constituindo um verdadeiro escândalo nacional a destruição não só da nossa vasta área de pinhal, como de algumas relíquias florestais e até de zonas agrícolas. Na nossa opinião, a delapidação técnica e humana dos Serviços Florestais, operada pelos sucessivos governos após a "Revolução dos cravos" (25. IV. 1974) e a impreparação democrática da maior parte da população que, inicialmente, entendeu que liberdade era libertinagem são as principais causas desta situação. Por outro lado, como já foi referido, deu-se a desumanização do meio rural, além do abandono a que foram votadas as montanhas pela diminuição de técnicos florestais. Concomitantemente, as casas florestais são abandonadas e, consequentemente, degradadas.

Como consequência da devastação do pinhal, como também foi referido, tem-se vindo a assistir a um aumento sistemático da área ocupada por eucaliptos e acácias ou mimosas, estas últimas por serem invasoras bem adaptadas a zonas incendiadas e os eucaliptos por serem plantados indiscriminadamente devido ao seu presente valor económico.

O declínio da riqueza florística implica empobrecimento faunístico, constituindo os eucaliptais, por vezes com um coberto arbustivo e herbáceo exíguo, as plantações industriais mais pobres sob o ponto de vista faunístico e florístico.

Apesar disso, os carvalhais e os montados de sobro e de azinho ocupam ainda quase um milhão de hectares em Portugal, sendo necessário, no entanto, para a defesa, manutenção e aumento dessa área, que haja uma radical modificação nas políticas agrícola e agro-florestal do nosso país.

Não se pode continuar apenas com explorações agroflorestais e agrícolas mono-específicas. Não só porque são explorações que provocam baixas drásticas na Biodiversidade, como também são formações de elevada homogeneidade genética. Tal homogeneidade conduz a um empobrecimento dos genes disponíveis e não permite o melhoramento e selecção das espécies que ficam, assim, com menor aptidão para a sobrevivência. Isso implica maiores riscos de catástrofes, como incêndios mais devastadores e maior facilidade de propagação de epidemias.

Com ou sem eucaliptos e acácias, a continuar a onda de incêndios dos últimos anos, as nossas montanhas caminham vertiginosamente para a desertificação com o consequente aumento do assoreamento dos rios. Aliás, muitas das nossas montanhas são, actualmente, autênticas zonas desérticas, pois até as já referidas formações secundárias de tojo, giestas, urzes e carquejas, que ainda "seguravam" o resto de solo empobrecido, têm sido devastadas pelos incêndios.

NÚCLEO DE VILA REAL

Núcleo Regional de Vila Real e Viseu da Quercus

Vânia Saraiva

Vila Real cidade dos azevinhos

O Núcleo Regional de Vila Real e Viseu da Quercus - A.N.C.N., em parceria com a Câmara Municipal de Vila Real e a Associação Florestal da Campeã, levou a cabo mais uma actividade do projecto "Vila Real Cidade dos Azevinhos". Esta actividade visa a sensibilização e o despertar das responsabilidades dos cidadãos em geral, mas de modo especial e de forma mais activa da comunidade estudantil da cidade de Vila Real, para a importância da manutenção da biodiversidade dos espaços verdes urbanos (tanto públicos como privados).

Pretendemos ainda realçar a importância de se estabelecer um convívio saudável dos cidadãos com a biodiversidade da fauna e flora em meio urbano.

É nosso objectivo promover a plantação de espécies autóctones e alertar para a importância destes espaços verdes urbanos, melhorar a qualidade de vida na cidade e ao mesmo tempo a paisagem urbana. É importante providenciar o abrigo e alimento para a avifauna e para mamíferos "citadinos".

Este ano, centenas de crianças de várias escolas e infantários, nomeadamente o Agrupamento de Escolas Diogo Cão, o Liceu Camilo Castelo Branco, o Infantário e a Creche das Florinhas, o Nuclisol, o Colégio da Boavista, o Agrupamento de Escolas Monsenhor Jerónimo do Amaral tiveram, algumas pela primeira vez, a oportunidade de participar na plantação de árvores autóctones (cerca de 100 azevinhos e dezenas de espinheiros entre outras), no seu espaço escolar.

Para o ano, contamos com a continuidade do projecto.

NÚCLEO DE LISBOA

Núcleo Regional de Lisboa da Quercus

Vânia Marques

NÚCLEO DE AVEIRO

Núcleo Regional de Aveiro da Quercus

Aveiro Promove Cidadania

Foi no dia 10 de Abril que teve lugar uma das actividades que fazem parte de um conjunto de iniciativas da QUERCUS na região de Aveiro. Com efeito, decorreu a Assembleia do Núcleo de Aveiro da QUERCUS onde foi eleita a nova direcção do Núcleo e onde se aprovou o Plano de Actividades para 2011.

Em termos de saídas de campo, que são passeios guiados de descoberta da natureza e sensibilização para questões ambientais, começaram já com o Percurso Pedestre no Baixo Vouga Lagunar (P1 do Guia de Percursos Pedestres do Baixo Vouga Lagunar). Mas haverá mais ao longo de 2011, estando agendadas as seguintes iniciativas:

28/05/2011 Percurso Pedestre no Cabeço Santo (Belazaima) com observação das melhorias introduzidas na paisagem e na biodiversidade pelo projecto da QUERCUS, e com a participação de voluntários;

19/06/2011 Percurso Pedestre no Baixo Vouga Lagunar (P3 do Guia de Percursos Pedestres do Baixo Vouga Lagunar).

24/09/2011 Percurso Pedestre no interior montanhoso do distrito de Aveiro – percurso ainda a definir;

O Plano de Actividades do Núcleo de Aveiro da QUERCUS tem como principal linha orientadora a continuação da realização das actividades que desde sempre têm caracterizado a actuação do Núcleo e através das quais este tem merecido o devido reconhecimento, quer seja no seio interno da Associação, quer externamente ao nível da comunidade.

Naturalmente que a actuação do Núcleo poderá não se ficar por aqui, pelo que, tal como habitualmente acontece, caso haja disponibilidade por parte da Direcção ou de outros voluntários, poderão ser desenvolvidas outras actividades que contribuam para a divulgação da Associação e para a realização dos seus objectivos.

As actividades não se esgotam nas iniciativas de usufruto da natureza e de sensibilização das questões ambientais. Destacamos aqui dois projectos que têm já muito sucesso, o Projecto Cabeço Santo e a Monitorização de parâmetros reprodutores das cegonhas. Mas vejamos o que nos reserva cada um em 2011:

1 – Projecto Cabeço Santo

Em 2011 será realizada mais uma época de plantação de árvores e arbustos, desta vez essencialmente com recurso à mão de obra voluntária. Continuarão os trabalhos de remoção da vegetação exótica e invasora, que, embora cada vez mais confinada, ainda vai requerer um longo esforço de controlo. Será concluída, ou pelo menos continuada, a demarcação de um percurso pedestre. Será gerido o apiário instalado em 2010. Será promovida a participação voluntária e divulgado o evoluir do projecto através do seu blogue: http://ecosanto.wordpress.com.

2 – Monitorização dos parâmetros reprodutores da Cegonha-branca

Na sequência do que tem sido o trabalho do Núcleo nos últimos 20 anos sobre a população nidificante de Cegonha-branca, em 2011 continuará a ser acompanhada a população nidificante da espécie na região, nomeadamente no que respeita à monitorização dos parâmetros reprodutores. Para o efeito serão seleccionados cerca de 100 ninhos divididos pelos dois principais núcleos reprodutores da região (Baixo Vouga Lagunar e Vale do Cértima) para os quais se determinarão: êxito reprodutor, taxa de voo e produtividade.

Mas a abertura do Núcleo à participação cívica prolonga-se em outras actividades. À semelhança do que tem acontecido nos últimos anos, é também objectivo que a Direcção do Núcleo Regional de Aveiro reúna de forma presencial uma vez por mês na sede provisória do Núcleo, em princípio, na primeira Quinta-feira de cada mês, das 19 às 21 horas. A próxima primeira Quinta-feira de Maio é já um desses dias destinados a organizar actividades, reflectir sobre assuntos actuais e debater temas internos, reuniões que são abertas a todos os associados e que podem servir de ponto de encontro com qualquer pessoa que queira sentir melhor como somos, o que fazemos e o que pretendemos enquanto grupo de voluntários activistas.

Uma estratégia para o futuro

Foi eleita, no passado dia 12 de Março, a Direcção do Núcleo Regional para o biénio 2011-2013 cuja Assembleia se realizou na sua sede, na Rua Eng.º Ferreira Mesquita, em Lisboa. Mantendo alguns membros da anterior Direcção, esta integra também novos elementos, de forma a criar uma maior dinâmica e promover a renovação ao nível dos dirigentes do Núcleo Regional de Lisboa. Na base da sua constituição e apresentação aos sócios, foi efectuado o diagnóstico da situação da actual e apresentadas as seguintes linhas de orientação estratégica:

O Núcleo Regional de Lisboa assume particular importância no seio da Associação, pela sua localização geográfica – uma vez que se encontra no palco dos principais espaços de tomada de decisões do país – pelo conjunto de temáticas ambientais que tradicionalmente sempre acompanhou no âmbito de uma estrutura com características fortemente urbanas, sendo a estrutura da Quercus com maior número de associados.

De modo a garantir ao Núcleo Regional de Lisboa uma maior capacidade de intervenção, para permitir o acompanhamento das muitas situações que chegam diariamente à Quercus nesta área geográfica e poder actuar ao nível de diversas áreas temáticas, junto às respectivas entidades, é essencial prosseguir com um conjunto de linhas de orientação que têm servido de base à sua reorganização e dinamização no último ano.

É fundamental, na nossa perspectiva, aumentar a capacidade de actuação e intervenção do Núcleo Regional de Lisboa, em diversas áreas, de forma a prosseguir com os objectivos de conservação da natureza e defesa do ambiente que a Quercus preconiza.

Assim, pretende-se tornar ainda mais efectiva a actuação e intervenção ao nível de várias áreas temáticas, melhorando o acompanhamento de denúncias através da integração de voluntários especializados e redefinindo a estratégia no acompanhamento das mesmas, actuar na formulação de pareceres, na participação em consultas públicas, na elaboração e subscrição de petições e na manutenção da representação nas várias Plataformas em que a Associação colabora no âmbito do Núcleo Regional de Lisboa.

Para optimizar recursos, pretende-se que as reuniões de Direcção se processem com uma frequência semanal, alternadamente, às sextas e aos sábados aproveitando, neste último caso, para se efectuar algum trabalho prático, ao nível dos Grupos, com os voluntários que possam nessas alturas deslocar-se ao Núcleo.

BIO GEO GRAFIA

NÚCLEO DE BRAGA

Núcleo Regional de Braga da Quercus

Curso de Apicultura em Modo de Produção Biológico
O curso de Apicultura em Modo de Produção Biológico decorreu no Mosteiro de S. Martinho de Tibães, em Braga, em três sessões teóricas de 4 horas e três sessões práticas de três horas e meia, de 11 a 26 de Março. Contou com a participação de 42 formandos, provenientes das mais diversas áreas de formação, tendo sido orientada pelo Engº Carlos Batista.
Durante a parte prática do curso, os formandos aprenderam os aspectos a ter em conta e a observar em cada visita à colmeia, desde os cuidados a ter no manuseamento dos quadros e das abelhas, até à identificação da presença de criação e das suas diferentes fases, desde o ovo de um dia até aos diferentes estados larvares, da distinção dos diferentes tipos de alvéolos, com criação de zângãos, com pólen, com mel, etc...
Foi ainda possível identificar a presença da rainha no enxame e foi observada a marcação de uma rainha, de forma a facilitar a sua identificação visual em futuras visitas à colmeia.
Ao nível de pragas, constatou – se a presença de varroose e foi possível a sua observação nos alvéolos de zângãos e no abdómen de uma abelha. Também se observou uma lagarta de traça da cera e alguns estragos por esta causados.
Por último foi feita aprendizagem relativamente ao método de desdobragem de uma colmeia, por três núcleos.
Foi divulgada bibliografia sobre apicultura biológica, destacando-se o "Manual de Apicultura Biológica ", o "Manual de Boas Práticas na Produção de Cera de Abelha", "Manual de Criação de Rainhas Autóctones de Portugal" e um "Manual de Boas Práticas na Produção de Mel" editados pela FNAP - Federação Nacional dos Apicultores de Portugal.
No final foram sugeridos pelos formandos, nas fichas de avaliação do curso, novos temas a abordar, como por exemplo, a criação de rainhas, as doenças e sanidade das abelhas, a permacultura, jardinagem biológica e a fitossanidade em fruticultura e horticultura.
Daniel Magalhães

Daniel Magalhães

Ana Cristina Costa

Limpar Portugal
A convite da Confraria do Bom Jesus do Monte participou a Quercus Braga no "Limpar Portugal" no sábado, dia 19 de Março, fazendo sessões de esclarecimento, nomeadamente sobre compostagem e sobre plantas exóticas e o Eng. Pedro Capela (nosso formador na área da micologia) fez uma intervenção sobre os cogumelos e o seu papel na floresta. A isto seguiu-se, no exterior, uma explicação de como se faz uma inoculação de Shitake e à montagem de um compostor com resíduos de jardinagem. Os participantes na limpeza (que chegaram aos 500, 25 dos quais do Regimento de Cavalaria) e os visitantes do Bom Jesus puderam também assistir à demonstração de cirurgia arbórea realizada por Paulo Moura, da empresa de arboricultura e jardinagem com o mesmo nome.
O cálculo realizado pela AGERE (empresa municipal de saneamento) foi de que se recolheram 8 toneladas de lixo (colchões, sanitas, peças de automóvel, ferros, etc.), para além de resíduos vegetais que vão ser compostados pela Confraria e que não foram pesados.
Ana Cristina Costa

Sementeira
Oficina de Propagação de Plantas Aromáticas e Medicinais
Com mais de 30 inscrições, das quais foram aceites 20, e tendo comparecido 11 pessoas, decorreu das 15 às 17 h do dia 12 de Março, na Videoteca do Parque de S. João da Ponte, em Braga, a oficina de propagação de PAM por sementeira, resultado do protocolo estabelecido com a Câmara Municipal de Braga.
Ana Cristina Costa

Apresentação do Livro "Era uma vez um urso do Gerês"
No Dia do Pai, 19 de Março, pelas 17 horas, reuniram-se uma dezena de pessoas na pequena mas simpática sala da Livraria Capítulos Soltos para conhecer a Cláudia Silva e o Nicolau, respectivamente autora e ilustrador da obra "Era uma vez um urso do Gerês", tendo esta contado a história e aquele autografado os exemplares entretanto adquiridos. **Ana Cristina Costa**

Palestra – Água, utilização, tratamento e reutilização
O Núcleo Regional de Braga, realizou uma Palestra a 22 de Março de 2011, às 21h30, intitulada "Água – Utilização, Tratamento e Reutilização", comemorativa do Dia Mundial da Água, nas instalações da Velha-a-Branca – Estaleiro Cultural, em Braga.
Entre outros temas, discutiram-se as consequências da má gestão da água, o ciclo urbano da água (destacando os principais processos de tratamento de água e tratamento de água residual) e acções/comportamentos a adoptar para o uso racional da água.
Narciso Braga

Oficina de Vermicompostagem
No dia 2 de Abril, sábado, entre as 15 e as 17 h realizou-se mais uma oficina de vermicompostagem no Parque de S. João da Ponte, ao abrigo do protocolo com a Câmara Municipal de Braga.
Ana Cristina Costa

Oficina de Permacultura - construção de uma espiral de ervas
Decorreu na tarde de sábado, dia 9 de Abril, na Quinta Pedagógica de Real, em Braga, uma oficina de permacultura, tendo como prática a construção de uma espiral de plantas aromáticas. Esta actividade, que teve como formador o sócio Ricardo Marques.
Ana Cristina Costa

Observação de aves
No passado domingo, dia 10 de Abril, realizou-se mais uma sessão de observação de aves no Parque de São João da Ponte, em Braga, promovida pelo Núcleo Regional de Braga, em parceria com a Câmara Municipal de Braga.
O dia começou radioso e soalheiro. Os participantes chegaram pouco a pouco, num total de 14, mostraram-se entusiasmados com a actividade e devidamente equipados com guias e binóculos.
Pelas 10:15, iniciou-se uma breve introdução às espécies que têm sido observadas neste local.
Logo na entrada do parque, ouviu-se o melodioso canto de uma carriça (*Troglodytes troglodytes*); num proeminente plátano, observou-se um melro-preto (*Turdus merula*). Ao longo do percurso, na relva perto da Videoteca do parque, avistou-se outro casal de melros-pretos (*Turdus merula*), à procura de alimento no solo (esta espécie alimenta-se a descoberto no solo); ouviu-se uma toutinegra-de-barrete-preto (*Sylvia atricapilla*), com o seu assobiar flauteado característico. Escutou-se uma rola turca (*Streptopelia decaoto*), com o seu típico arrulhar agudo; observou-se e escutou-se o piar alternado de um verdilhão (*Carduelis chloris*), com a sua característica plumagem verde, que lhe confere o nome, perto de uma sequóia; também perto desta árvore avistou-se uma milheirinha (Serinus serinus) que chilreava alegremente. A meio do percurso, na bifurcação de um cedro, estava um curioso tentilhão-comum (*Fringilla coelebs*) a alimentar-se de um insecto (tem um canto sonoro floreado e constrói habitualmente o seu ninho na bifurcação de galhos, camuflado entre líquenes e musgos). Perto da gruta do parque, observou-se uma trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*), a trepar em espiral um ramo de um ulmeiro, possivelmente à procura de alimento; escutou-se o chamamento fino e melódico de um chapim-preto ou carvoeiro (*Parus ater*) e também o som de um chapim real (*Parus major*) (distingue-se dos outros chapins, pelos inúmeros e poderosos chamamentos). Na recta final da visita observou-se um bando de pardais (*Passer domesticus*) num sobreiro, um casal de pombos (*Columba livia domest*), também um casal de pisco-de-peito-ruivo (Erithacus rubecula) e ainda um pintassilgo (*Carduelis carduelis*), num frondoso sobreiro, distinguível pela sua cabeça vermelha e corpo amarelo e branco. Pelas 11:40, deu-se por terminada mais uma actividade, que teve a colaboração dos ornitólogos, Francisco Areias e Rui Santos, que auxiliaram e explicaram aos participantes a identificação e características das aves, no suceder desta. **Filipa Amado**

NÚCLEO DO PORTO

Núcleo Regional do Porto da Quercus

Plantação no Regimento de Artilharia Nº 5 de Vila Nova de Gaia
O Núcleo Regional do Porto da Quercus em parceria com o Programa de Reciclagem de Rolhas de Cortiça "Green Cork" e o Regimento de Artilharia N.º 5 assinala mais uma comemoração do Dia Mundial da Árvore e Florestas. Foram convidados a participar o Jardim Infantil Nossa Senhora do Pilar, a Escola EB1 Serra do Pilar de V.N. de Gaia, o Colégio Nossa Senhora do Rosário do Porto, cerca de 200 alunos, alguns pais e voluntários, para plantar 150 árvores e arbustos autóctones cedidas pelo projecto Criar Bosques: Carvalho Robur e Carvalho Negral no local onde ocorrem os treinos dos militares.
Cerca das 10h da manhã a Fanfarra do Regimento de Artilharia N.º5, abriu com um concerto de acolhimento que animou crianças, professores e voluntários, dando lugar a pequenas brincadeiras e passos de marcha.
Às 10h.30, teve lugar a Acção de sensibilização pela QUERCUS, com uma apresentação sobre a " Importância das Árvores" e "Projecto Green Cork". As primeiras perguntas colocadas por Patrícia Neto tiveram a participação de vários alunos, que sabiam bem as funções das árvores, idade aproximada e sua importância para as cidades. Muitos alunos conheciam já o *Quercus robur* e a importância da sua conservação. Falaram de outras árvores autóctones como o Castanheiro e Oliveira. Seguiu-se a passagem de um vídeo explicativo sobre a reciclagem de rolhas de cortiça que foi também bem aceite pelos participantes.
Já próximo do local houve pausa para um pequeno lanche para ganhar força para a plantação de árvores e arbustos. O dia estava quente e os alunos saíram já do local de plantação cansados mas satisfeitos pelo contributo dado à Natureza.

Núcleo Regional do Porto

Quercus promove leitura
A Quercus promoveu no passado dia 25 de Março uma peça de teatro sobre "O Povo do Arco-Íris" para as crianças do ensino pré e 1º Ciclo da freguesia de Gemunde.
Esta iniciativa, que aconteceu nas instalações da Junta de Freguesia de Gemunde, contou com a participação e encenação dos alunos do 10º O e professores do curso de Animação Socio-Cultural da Escola Secundária Padre Benjamim Salgado.
A peça visou, principalmente, a importância da união dos povos, focando o lado social, e em termos ambientais todos os materiais usados, tais como roupa e objectos, eram reciclados ou foram reutilizados.
No final da apresentação, os alunos promoveram e despertaram a leitura entre os mais novos, com a história caracterizada: *"A Joaninha Vaidosa"* e com as exibições de dois palhaços: "*O Livro e a Leitura".*
Este projecto foi coordenado pelos professores: João Costa, Isabel Louro e Carmo Machado da Escola Secundária em Famalicão.

Núcleo Regional do Porto
25 de Março - Teatro Arco Íris

Núcleo Regional do Porto
23 de Março - EB1 Jl Redonda_Paredes

"Caminhada Solidária"
Realizou-se no passado dia 26 de Março de 2011, uma "Caminhada Solidária". Esta iniciativa foi organizada pelo Agrupamento de Escolas do Castelo da Maia, o grupo *"Comenius"* e pelo clube *"Um par de botas".*
De acordo com a organização, os objectivos foram contribuir para a construção de uma cidadania participativa e solidária; despertar para uma consciência ambiental mais activa; promover o convívio saudável e harmonioso na comunidade educativa e estimular a prática de exercício físico, ao ar livre.
O percurso teve início na escola EB 2,3 do Castêlo da Maia, onde professores, alunos, pais e/ou encarregados de Educação se juntaram para caminharem até ao Parque de Avioso.
Cada participante contribuiu com 1€, o valor final reverteu para a Quercus e para a APPACDM.

Núcleo Regional do Porto
Caminhada solidaria

A Quercus na AMI
No passado dia 25 de Março, nas instalações da AMI - em Gaia, a Quercus levou uma acção de sensibilização denominada "A água e a sua importância".
Com a presença de, aproximadamente, 20 pessoas, foi visível o quanto o interesse pelo conhecimento não tem idade nem posto, está acessível a todos o que o respeitem e solicitem.
Segundo a AMI, entidade tão acolhedora e disponível, esta acção foi a escolhida tendo em conta que era um tema apropriado às comemorações do dia da água (22 de Março) e também porque tinha sido a semana da Floresta e não há Floresta sem água.
Foi uma acção muito interactiva onde todos percebiam bem a emergência de poupar a água e do quanto este recurso se pode escassear rapidamente.
Esta viagem ao mundo da Água teve uma duração aproximada de 1.30 minutos, entre apresentação e a discussão de alguns aspectos com que nos deparámos no dia-a-dia e que nos "obrigam" a ter um consumo consciente deste recurso.
Todos tiveram um papel muito importante nesta acção, por isso, a Quercus agradece a receptividade e a simpatia tão genuína.
Vídeo : http://db.tt/0z3wJnF
Ana Isabel Silva

Núcleo Regional do Porto
Árvore dos desejos

Sensibilização Ambiental - Escolas
O núcleo do porto da Quercus tem vindo a promover junto das escolas várias acções de sensibilização:
No dia 15 de Fevereiro, a convite da Escola Profissional de Tecnologia Psicossocial do Porto apresentou-se o tema sustentabilidade (Qualidade e respeito pelo meio ambiente). Nesta acção estiveram presentes de cerca de 45 alunos do ensino secundário e professores, que se mostraram muito interessados em debater questões ambientais, entre as quais: a perda de biodiversidade; a poluição atmosférica e sonora; o consumo e a conservação dos recursos do planeta.
No dia 12 de Março, a pedido de um grupo de alunos do 12º ano, o núcleo esteve presente no Externato Ribadouro. Esta visita teve como objectivo, dar a conhecer a perspectiva da Quercus em relação à Biodiversidade e também informar os alunos sobre alguns dos projectos de Conservação da Natureza que a Associação tem vindo a desenvolver. Este conhecimento será integrado numa revista sobre ambiente que os mesmos estão a desenvolver para a disciplina área de projecto.
No dia 23 de Março, a convite da EB1/Jl da Redonda em Paredes, sensibilizaram-se miúdos e graúdos sobre a importância de "Preservar a nossa Floresta". Nesta acção deu-se a conhecer o projecto Greencork da Quercus e foram oferecidas quatro espécies de árvores autóctones para serem plantadas na escola. No final, os alunos en recolhidas por toda a comunidade escolar.

BIO
GEO
GRAFIA

NÚCLEO DA GUARDA

Núcleo Regional da Guarda da Quercus

O Núcleo Regional da Guarda da Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza em colaboração com a Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico da Guarda agendaram para os Sábados 7 e 14 de Maio um dia diferente.
Trata-se de um workshop de construção de fornos solares no qual os participantes são convidados a construir o seu próprio forno solar. E onde poderão também experimentar cozinhar os seus próprios alimentos (por exemplo, maças, pizza congelada, um chouriço).
Os referidos fornos apresentam-se de construção simples, através nomeadamente de cartão, papel de aluminizado, cola de madeira, corticite ou roofmate para isolamento. Será necessário 1 panela preta e um recipiente de vidro para maximizar o aproveitamento do raios solares.

A actividade está marcada a partir das 9h30 até às 14h30 no jardim José de Lemos no centro da cidade da Guarda.

Para mais informações através dos e-mails: guarda@quercus.pt, jgregorio@ipj.pt ou através do tlm. 969 737 196.

Como habitualmente deixamos uma porta aberta a todos os sócios e cidadãos de nos fazerem chegar as suas solicitações e questões sobre o Mundo do Ambiente.

Para terminar dizer que de momento o horário de atendimento que anteriormente funcionava às Quartas-feiras e Sábados se encontra suspenso devido à colaboração com os voluntários de 2010 ter terminado. Prevemos que com a colaboração dos novos voluntários possamos, muito brevemente, lançar novo horário de atendimento. De qualquer modo aqui ficam os nossos contactos.

Contactos do Núcleo
Núcleo Regional da Guarda
Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza
Apartado 156
Município Guarda
6301-954 Guarda

Tlm. 931 104 568 (rede da Vodafone)
Fax. 271 388 232
E-mail guarda@quercus.pt

Ricardo Nabais (Presidente) Tlm. 963 270 140
Bruno Almeida (Tesoureiro) Tlm. 969 737 196
Maria João Caldeira (Secretária) Tlm. 962 605 204

Em contacto com a natureza

O seguinte texto surge após um convite para uma conversa por um grupo de alunos da Escola Secundária de Seia e resume a abordagem feita durante a palestra.
As nossas escolhas diárias têm um fundamento histórico mais profundo do que os eventos contemporâneos, as tendências ou os anúncios na televisão. Para entendermos o que somos, devemos perceber primeiro de onde vimos.

Quando os alunos da Escola Secundária de Seia me convidaram para abordar os estilos de vida ligados à natureza vi-me perdida. A verdade é que tentei olhar para as opções de estilos de vida menos convencionais e abordá-las isoladamente, no entanto não fazia sentido não encontrar os pontos comuns entre os mesmos. Comecei por ler referências bibliográficas sobre a permacultura, a agricultura biológica e a agricultura biodinâmica. Aos poucos comecei a entender que todas estas técnicas/filosofias não eram divergentes quanto aos seus princípios. Mas será que as mesmas técnicas convergiram ao longo dos tempos, para originar algo muito parecido ou terá sido uma raiz comum que divergiu e manteve em cada uma delas os mesmos princípios ideológicos?

Durante a nossa educação, seja ela mais técnica ou artística, abordamos os variados temas olhando para o passado e para a evolução da história. Para responder à pergunta: 'Como chegámos aqui?' Foi assim que tentei encontrar as respostas às perguntas impostas pelo desafio, que à partida parece simples, de descrever e explicar cada opção, partindo do principio que a agricultura é a base da nossa sociedade

O Homem Nómada sujeitou-se às condições ambientais que o rodeavam e quando estas eram adversas e o alimento escasseava a única hipótese que tinha para sobreviver era partir para outro local, onde as condições fossem mais propícias. Esta forma de vida era bastante árdua, portanto, o Homem começou aos poucos a encontrar formas para se fixar em áreas cada vez menores. O Homem colector começou por enterrar umas sementes e isso resultou no crescimento das plantas necessárias à sua sobrevivência. O Homem caçador domesticou alguns animais, o que lhe permitiu ter uma fonte de proteínas mais ou menos constante. Estes acontecimentos deram-se durante os tempos e assim se iniciou a actividade primária do Homem Sedentário: a Agricultura.

Com o desenvolvimento da agricultura e a fixação do Homem em áreas mais restritas começa a organização da civilização, até então não definida. Até este momento da História o Homem não dominava a Natureza, apenas fazia uso da mesma, retirando os recursos que necessita para sobreviver. Ao mesmo tempo, não existe divisão do território, nem propriedade sobre ele. A fixação de populações humanas leva à criação da existência de propriedades e à organização da sociedade por classes, ao mesmo tempo que o Homem começa a dominar a Natureza.

O Homem Sedentário evoluiu as técnicas agrícolas ao longo dos séculos, aumentando os níveis de produção. O aumento da disponibilidade de alimentos fez com que a população mundial crescesse e esse crescimento registe-se até aos dias de hoje. Houve, no entanto, três marcos bastante importantes nos últimos séculos de desenvolvimento:

1. A Revolução Industrial

Após esta revolução houve uma substituição do trabalho manual pelo mecânico, o fortalecimento da indústria e consequente enfraquecimento do sector agrícola, enquanto sector primário.

2. A Revolução Francesa

Com a revolução francesa as classes exploradas criaram ideais resultantes de uma prosperidade mecanizada e industrial. Como consequência houve um aumento do consumo de produtos, com o objectivo de alcançar o bem-estar prometido. Houve um esquecimento geral de que os recursos mundiais são finitos.

3. A Revolução Verde

Após as duas grandes guerras pretendeu-se acabar com a fome no mundo. Foram então desenvolvidas técnicas de produção agrícola mais eficientes com vista a produzir alimentos mais baratos num curto espaço de tempo. As técnicas incluíram o melhoramento genético das sementes (por escolha das sementes mais produtivas), o uso intensivo de químicos industriais e a mecanização dos trabalhos, como a irrigação ou a preparação do solo.

Estes três factos contribuíram irreversivelmente para a vida contemporânea mundial, tendo cada um dos três consequências a nível social e ambiental.

Com a Revolução Industrial vulgarizou-se o uso de combustíveis fósseis, que tinham a vantagem de serem baratos, no entanto bastante poluentes. Vulgarizou-se, então, a sua utilização pelo mundo inteiro, usados no dia-a-dia de cada um de nós. O consumo exagerado destes recursos para usufruto de um conforto sem precedentes tem como consequência níveis de poluição também sem precedentes. E não nos confundamos, não me parece que a Revolução Francesa tenha sido negativa, no entanto, criámos monstros, dos quais não nos queremos livrar. Acrescentando ao nível de vida ocidental, os países que nós chamamos países emergentes economicamente (Brasil, Rússia, Índia e China), que crescendo a um ritmo alucinante transformam-se em grandes poluidores.

A Revolução Verde fez com que tivéssemos acesso a alimentos baratos, no entanto, não acabou com a fome no mundo. E as consequências das práticas agrícolas industriais são devastadoras a médio e longo prazo. Os métodos utilizados provocam degradação ambiental a vários níveis: destruição de habitats naturais; erosão do solo; lixiviação dos químicos para as águas dos rios e lagos; morte de insectos benéficos (para além das pestes); desertificação e solos improdutivos; elevada energia utilizada na produção, transporte e aplicação de químicos e efeitos na saúde humana. Todos estes problemas têm como consequência custos elevados a médio e longo prazo.

Conclusão, os hábitos diários de grande parte da população dos países ditos desenvolvidos é virada para um conforto a curto prazo. São, no entanto, hábitos insustentáveis do ponto de vista do 'stock' dos recursos naturais e portanto as gerações seguintes não poderão usufruir do estilo de vida que vivemos. A pensar nisto, várias pessoas com linhas de pensamento convergente escolhem para o seu quotidiano, o que eles consideram, práticas mais saudáveis e sustentáveis. Alguns exemplos dessas práticas são: Agricultura Biológica, Agricultura Biodinâmica, Permacultura.

Em comum, estas alternativas à agricultura industrial tentam:

1. Adoptar técnicas agrícolas de produção de alimentos que se conjuguem com estilos de vida mais saudáveis e que respeitem mais o ambiente;

2. Essas técnicas normalmente combinam métodos utilizados na agricultura tradicional e outras metodologias recentes, adaptadas tecnologicamente.

Somos livres de escolher o que comemos e como vivemos!
As nossas opções devem basear-se no que acreditamos e como queremos viver a nossa vida. Temos que ser conscientes do que as nossas opções acarretam! **Maria Caldeira**

CONCESSÃO DE MINI-HÍDRICAS NOS RIOS DO NORTE, DO CENTRO E NO TEJO

Grupo de Trabalho da Água
Direcção Nacional da Quercus

Hélder Spínola

Quercus exige moratória até à aprovação de planos de bacia hidrográfica

Estão neste momento em curso os procedimentos concursais com vista à atribuição de concessões para a captação de água do domínio público hídrico para produção de energia hidroeléctrica e para a concepção, construção, exploração e conservação das respectivas infra-estruturas hidráulicas, com uma potência total de 100 MW (Megawatts). Existe ainda o objectivo de lançar novos procedimentos de adjudicação de centrais mini-hídricas (até 10 MW) e de aproveitamentos de média dimensão (até 30 MW), tendo em vista alcançar a meta de atribuição de mais 150 MW de potência até ao final de 2011.

Estes concursos incidem nas áreas de jurisdição das Administrações de Região Hidrográfica do Norte, Centro e Tejo, sendo que a utilização privativa de recursos hídricos do domínio público para produção de energia hidroeléctrica será atribuída mediante o pagamento ao Estado de uma contrapartida.

Estes procedimentos resultam da Resolução do Conselho de Ministros nº72/10, de 10 Setembro de 2010, a qual vai permitir estabelecer um tarifário específico, com uma tarifa média de referência indicativa de € 95/MWh, a vigorar por 25 anos, atendendo a um prazo de concessão de 45 anos.

Perante esta situação, a Quercus vem contestar a celeridade imposta neste processo, exigir a suspensão do mesmo até que estejam aprovados os planos de bacia hidrográfica e seja encetada uma profunda revisão de procedimentos a adoptar nestes casos.

Estado não se pode financiar à custa da destruição dos valores naturais e da diminuição da qualidade da água.

Após os investimentos nas grandes barragens, com os fortíssimos impactes que daí advêm, assiste-se agora a uma corrida desenfreada pela instalação de pequenos e médios empreendimentos hidroeléctricos, com uma potência inferior a 10 MW, incentivada pelas necessidades de financiamento que o Estado tem actualmente. Estes empreendimentos, apelidados de baixo impacte, podem, na verdade, ter repercussões negativas significativas sobre os *habitats* e espécies, em especial sobre os peixes migradores diádromos (o longo do seu ciclo de vida migram entre a água doce e a água salgada) e potamódromos (ao longo do seu ciclo de vida migram entre diferentes massas de água doce, por exemplo, entre vários locais de um rio) e no favorecimento de espécies de peixes exóticas invasoras.

Neste contexto, dados recentes (Programa Nacional de Barragens com Elevado Potencial Hidroeléctrico, INAG, 2007) apontam para que, em Portugal, existam actualmente 111 grandes barragens e 800 de média e pequena dimensão, construídas ou em construção, que ocupam já 90% dos troços dos principais rios, alteram o regime de caudais e a conectividade hídrica, causando a diminuição e mesmo a extinção das populações de espécies piscícolas migradoras de interesse económico assinalável, como a lampreia-marinha, a enguia, o salmão, a truta-marisca, o sável e a savelha.

Por outro lado, é incompreensível que se continue a autorizar a instalação de estruturas que podem comprometer a boa qualidade da água, exigida no âmbito da aplicação da Directiva Quadro da Água, e a biodiversidade, sem que se faça uma correcta avaliação dos impactos cumulativos associados a diferentes utilizações dos recursos hídricos em cada uma das bacias hidrográficas. A continuada opção pela implementação de infra-estruturas deste tipo, com impactes alargados ao nível das bacias hidrográficas, sem que os Planos de Gestão de Região Hidrográfica estejam aprovados e em implementação, constitui uma inversão injustificável do processo de planeamento, se não um esvaziamento do mesmo.

Quercus exige cuidados redobrados com mini-hídricas e propõe a promoção da micro-geração hídrica
Para que a compatibilização entre estes empreendimentos possa ser uma realidade, é necessário que haja uma politica séria que promova a análise destes investimentos considerando:
1. a tipologia dos cursos de água,
2. os valores em presença à escala da sub-bacia, pois existe uma grande diversidade de situações, motivadas por factores climáticos, geológicos, orográficos, entre outros,
3. a possibilidade de reabilitar represamentos já existentes, alguns deles com valor cultural, como moinhos de água e azenhas, dotando-os produção hidroeléctrica e instalando dispositivos adequados à passagem de peixes para montante,
4. a possibilidade de se equacionar a destruição de infra-estruturas já existentes que impeçam gravemente a conectividade fluvial,
5. que os açudes deverão ter um máximo de 3 metros de altura, independentemente de se tratarem de vales encaixados ou não, para que o impacto negativo na descontinuidade ecológica possa ser minimizado,
6. que estas concessões não se deverão localizar em áreas classificadas, de forma a salvaguardar os compromissos estabelecidos para a conservação de espécies e habitats,
7. que deverão ser objecto de parecer vinculativo da AFN – Autoridade Florestal Nacional, entidade responsável pela preservação dos recursos aquícolas,
8. a dispensa de Avaliação de Impacte Ambiental para os casos de aproveitamentos que utilizem micro turbinas hídricas, localizados em áreas classificadas, sempre que os mesmos tenham, obrigatoriamente, potências até 50 Kw, em que haja consumo local da energia produzida, e se requalifiquem represamentos já existentes.

Por último, a Quercus considera que o prazo das concessões se deve ficar pelos 25 anos, em vez dos 45 anos previstos, de forma a não hipotecar os interesses das gerações vindouras, devendo ainda ser garantido que os troços concessionados não condicionem a micro-produção de energia eléctrica nos casos em que recuperem/melhorem estruturas já existentes.

CUIDAR DAS PARTES COMUNS

Sara Campos
Ecocasa

ESCOLAS AMIGAS DA ÁGUA

Quercus ensina oito escolas do Algarve a poupar água

A Quercus, através do Grupo Ecocasa, continua a apostar na sensibilização para o uso eficiente da água. Depois do projecto EcoFamílias Água, que tem contado com edições em várias zonas do país, a atenção concentra-se agora no público escolar.
Lançado em Outubro de 2010, o projecto Escolas Amigas da Água resulta de uma parceria entre a Quercus e a Empresa Águas do Algarve e pretende sensibilizar a comunidade escolar – entre alunos, docentes e funcionários - para o uso eficiente da água nesses espaços de ensino.
Nesta iniciativa regional participam oito estabelecimentos do ensino básico, inscritos de forma voluntária e escolhidos após uma pré-selecção.
Numa primeira fase, foram realizadas sessões de esclarecimento junto da equipa de professores responsável em cada estabelecimento, para uma breve explicação do projecto e algumas orientações.
A partir deste contacto inicial, as escolas ficaram autónomas no levantamento e registo dos dados de consumo de água a monitorizar de acordo com as diferentes utilizações (consumo, rega, lavagens, higiene, confecção de alimentos) e espaços (casas de banho, cozinha /refeitório, balneários, pátio).
A par desta componente prática, o projecto inclui ainda a realização de actividades de sensibilização da comunidade escolar para fazer uma correcta utilização da água, promovendo a continuação desse esforço no fim do projecto e fora do espaço escolar.
Numa fase posterior, serão avaliadas as melhorias na eficiência de utilização conseguidas em cada escola e os trabalhos realizados, factores que determinarão a entrega final dos prémios.
No âmbito desta iniciativa, a Quercus e a Águas do Algarve realizaram, em finais do mês de Março, uma visita demonstrativa a um dos estabelecimentos de ensino participantes - a Escola Básica do 1º Ciclo de Alto de Rodes, em Faro, que contou com a presença dos vários parceiros e da comunicação social.

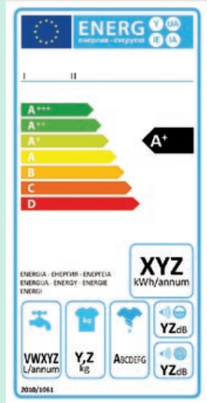
UMA GOTA PELO PLANETA

Os conselhos da Quercus já chegaram às rádios do Ribatejo. São quatro as emissoras regionais em que pode ser ouvida a rubrica "Uma Gota pelo Planeta", produzida pela Quercus no âmbito de uma parceria mais vasta com a Águas do Ribatejo.

Em episódios de 60 segundos, os ouvintes da Íris FM (91.4 Mhz), Marinhais FM (102.5 Mhz), Rádio RCA Ribatejo (104,Mhz e 96.9 Mhz) e Rádio Voz do Sorraia (94.7 Mhz) poderão ficar a saber mais sobre como fazer um uso eficiente deste recurso escasso no dia-a-dia. Todos os dias úteis, Francisco Ferreira e Ana Padrão Dias, da Quercus, alternam na locução desta rubrica e deixam ideias práticas para reduzir a factura da água nas utilizações domésticas e não só.

Pioneira nas rádios locais e regionais, "Uma Gota pelo Planeta" será emitida várias vezes por dia, em horários de maior audiência, para que possa atingir o maior número possível de utentes. Brevemente, a rubrica será também disponibilizada nos sites das respectivas rádios e em www.aguasdoribatejo.com.

CUIDAR DAS PARTES COMUNS



NOVA ETIQUETA ENERGÉTICA_UNIÃO EUROPEIA

Nova etiqueta energética será mais exigente e detalhada

A etiqueta energética já faz parte do conhecimento colectivo como sendo um elemento fundamental de consulta na escolha de um novo electrodoméstico. Fruto de uma maior aposta das marcas na eficiência energética dos seus produtos, o mercado está em constante renovação, no sentido também de responder à maior exigência do consumidor e à necessidade de garantir que o investimento feito na compra será realmente recuperado na utilização.

Entre 1995 e 2003, esta etiquetagem expandiu-se, na União Europeia, a diversos produtos, abrangendo frigoríficos e congeladores, máquinas de lavar e de secar roupa e loiça, lâmpadas e fornos eléctricos.

Até 2003, foram sete as classes energéticas que regularam estes equipamentos, entre A e G (do mais para o menos eficiente). A partir de então, surgiram mais duas classes na etiqueta dos equipamentos de frio: A+ e A++, uma evidência de que os fabricantes continuavam a privilegiar a eficiência dos seus produtos, nomeadamente numa categoria que corresponde aos electrodomésticos responsáveis pela maior fatia no consumo doméstico de energia.

Em finais de 2010, iniciou-se uma nova etapa na história da etiqueta energética europeia: em cinco categorias de produtos, a nova legislação criou novas classes para adaptar a etiqueta à evolução tecnológica e permitir uma maior diferenciação do produto em termos de eficiência energética.

Quais as maiores diferenças em termos práticos?
As máquinas de lavar roupa, loiça, os equipamentos de refrigeração por compressão e ainda os televisores (estes últimos nunca tinham tido etiqueta) passam a ter 7 classes, de A+++ a D. Sobe, portanto, o nível de exigência no que respeita à performance energética. No âmbito desta nova etiqueta, duas categorias de produtos ficam com 10 classes (de A+++ a G): os equipamentos de frio que fazem refrigeração por absorção e as garrafeiras frigoríficas. Esta última categoria foi criada de raiz e a sua etiqueta difere dos restantes equipamentos de frio na medida em que, em vez do volume em litros, indica a capacidade nominal em número de garrafas de vinho normais.

Para além de ser uniforme em todos os Estados-Membros da UE27, a nova etiqueta é também neutra quanto ao idioma. Para uma maior uniformidade, os textos dão lugar a pictogramas, a partir dos quais os consumidores podem conhecer as características e o desempenho do produto.

Por outro lado, a nova legislação obriga a que passe a ser fornecida uma etiqueta completa com cada unidade de produto; a declaração de ruído terá de estar presente nos produtos onde este critério for relevante e surgem novas exigências (vinculativas a partir de Março de 2012) quanto a publicidade e material promocional.

Para já, a nova etiqueta encontra-se em fase de implementação voluntária, que se estende-se até 30 de Novembro de 2011 para os todos os frigoríficos, garrafeiras e televisores e até 20 de Dezembro de 2011 para as máquinas de lavar roupa e loiça. A partir dessas datas, os fornecedores terão obrigatoriamente de utilizar a nova etiqueta energética nos produtos colocados no mercado da União Europeia.

O PORTUGAL CICLÁVEL

Em lazer ou deslocações pendulares, a bicicleta é cada vez mais uma opção de mobilidade, nomeadamente se combinada com outro meio de transporte colectivo. Um importante incentivo são as redes e serviços de aluguer de bicicletas já disponibilizadas em alguns municípios, seja de forma gratuita ou a preços acessíveis. Eis alguns exemplos de Norte a Sul:

AVEIRO
Nome: Bugas
Aluguer gratuito
Horário: 10h-19h
Onde levantar: 20 parques, espalhados pela cidade, incluindo os terminais rodoviários e ferroviários
Tipo de bicicleta: normal

CALDAS DA RAíNHA
Nome: Rainhas
Aluguer: pago
(2€ até 4 horas; 4€ dia inteiro; 15€ 7 dias; 20€ cartão anual; 10€ cartão anual/estudante)
Horário: 10h-19h /dias úteis; 10h-13h/15h-19h /fins-de-semana e feriados
Onde levantar: em cerca de dez estações espalhadas pela cidade
Tipo de bicicleta: normal

AGUEDA (previsto iniciar-se em Maio de 2011)
Nome: ainda não tem
Aluguer: gratuito (+ seguro de acidentes pessoais – 1,5 a 2 Euros)
Horário: 9h-19h /dias úteis
Onde levantar: ponto de recolha junto à Câmara Municipal - inicialmente
Tipo de bicicleta: eléctrica
Observações: as bicicletas são fabricadas por uma empresa da região

CASCAIS
Nome: Bicas
Aluguer:gratuito
Horário: das 8h às 19h
Onde levantar: 4 pontos: junto ao parque de estacionamento da Praça de Touros, nas traseiras do Museu do Mar, em frente ao Hotel Baía e junto à Estação de Comboios de Cascais.
Tipo de bicicleta: normal

LISBOA
Nome: Binas – Serviço Park&Bike da EMEL
Aluguer: pago 2€ Meio dia/3.50€ dia inteiro;
8€ fins-de-semana, leva 6ªfeira entrega 2ª feira).
Horário: Dias úteis 9h-19h:
Onde levantar: nos 9 parques de estacionamento da EMEL em Lisboa.
Tipo de bicicleta: normal
Observações: qualquer pessoa pode alugar uma Bina, mesmo que não deixe a sua viatura num dos parques da EMEL. Nesse caso, terá de pagar uma caução de 100 Euros que será devolvida no fim da utilização.

MMU

SERPA
Nome: Pedaleiras
Aluguer: pago (1€ por empréstimo), mediante carregamento do cartão municipal Terra Forte
Horário: 8h-21h/ Verão; 8h-18h/ Inverno.
Onde levantar: 2 pontos da cidade; Parque de Campismo e Praça da República.
Tipo de bicicleta: normal

SINTRA
Nome: Parques Bike Rent
Aluguer: pago 19€ Meio dia / 30€ dia inteiro. Inclui entrada nos 4 Parques de Sintra: Monserrate, Pena, Capuchos e Mouros
Horário: 10h-18h (flexível)
Onde levantar: Torre do Relógio, Vila de Sintra
Tipo de bicicleta: eléctrica
Observações: preços mais acessíveis para grupos de 3 ou mais pessoas.

CICLOVIAS
Cerca de 1.360 quilómetros é a extensão de ciclovias que podem ser percorridas no nosso país, de acordo com informação na página de Internet www.ciclovia.com.pt, que contabiliza ainda 180 vias cicláveis de norte a sul, devidamente assinaladas no mapa. Faça a sua pesquisa!

Hérlander Sprinda

TOPTEN .PT

Supported by INTELLIGENT ENERGY EUROPE

topten.pt

Monitores e máquinas de lavar loiça renovados

Depois dos frigoríficos e das máquinas de lavar roupa, no passado mês de Março, agora foi a vez de outras duas categorias verem os seus produtos renovados em www.topten.pt. As máquinas de lavar loiça e os monitores passam a estar, assim, actualizadas de acordo com aqueles que são, no presente, os dez modelos mais eficientes à venda no mercado português. Para facilitar a consulta, ambas se mantêm organizadas em várias subcategorias: quatro, no caso dos monitores, consoante as diferentes polegadas; três, no caso das máquinas de lavar loiça, dependendo do tipo de instalação.

Apesar de não serem considerados equipamentos de utilização essencial (como os frigoríficos ou máquinas de lavar loiça), quer as máquinas de lavar loiça, quer os monitores são electrodomésticos/ aparelhos cada vez mais frequentes na generalidade das habitações, fruto também de uma oferta mais variada e acessível em termos de preço.
Através da consulta da página www.topten.pt, o consumidor terá acesso a diversas categorias de produtos (entre equipamentos de frio, lâmpadas, máquinas de lavar, monitores, impressoras e ainda automóveis), compostas pelos dez modelos com melhor desempenho energético a nível nacional.

O Topten.pt, gerido pela Quercus em Portugal, insere-se no projecto europeu Euro-Topten Plus, que reúne 20 parceiros de 16 países. Desde Outubro de 2010, o Topten estendeu-se também a dois países intercontinentais: Estados Unidos da América e China. Em comum, existe a ambição de mostrar aos consumidores o papel que as suas escolhas do dia-a-dia podem ter na poupança energética e consequentemente no combate das alterações climáticas.

CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Grupo de Trabalho de Conservação da Natureza

Micro-reserva dos Colmeais
Terminou a 3 de Abril a fase de corte e poda de oliveiras nesta micro-reserva, na qual tivemos esta época um trabalho acrescido em virtude dos temporais de Inverno terem partido muita ramada ficando algumas oliveiras bastante danificadas. No terreno fica ainda muito trabalho de arrumação do material lenhoso proveniente da desrama e necessitamos também de proceder à remoção da lenha que pode ser aproveitada.
Em termos botânicos a época mais florida tem agora lugar. Muitas orquídeas, das 11 espécies aqui presentes têm estado em floração e estão presentes pelo menos 9 plantas de Cynara tournefortii uma das espécies alvo de conservação neste espaço. Este ano há muito poucos exemplares de Linaria ricardoi um raro endemismo da região de Beja que também existe nessa área.
Quanto à fauna, para além de grande diversidade de invertebrados, são comuns as observações de lebres, existem tocas de texugo ocupadas e os mochos galegos são uma presença constante utilizando as velhas oliveiras como abrigo.

L. Margarido

Microreserva colmeais

Presença na Expoflorestal em Albergaria-a-Velha
A Quercus esteve também presente na Expoflorestal, em Albergaria-a-Velha nos passados dias 8, 9 e 10 de Abril com um stand dedicado à temática da floresta. Este stand contou com trabalhos didácticos produzidos por alunos de uma escola da região e foram apresentados os objectivos e o trabalho que estamos a realizar no âmbito do Projecto Cabeço Santo.

Paulo Domingos

Stand Expoflorestal

Projecto Cabeço Santo
A Primavera chegou e é tempo das Jornadas Voluntárias de Primavera no Cabeço Santo. À semelhança dos voluntários estarão trabalhos tão aliciantes como o acompanhamento das áreas plantadas nos últimos anos, o controlo da vegetação invasora e a demarcação do percurso pedestre. No acompanhamento das áreas plantadas serão verificadas as condições das árvores introduzidas, merecendo especial destaque as plantadas no último Inverno. Verificar-se-á o estado dos tubos de protecção e, sempre que necessário, remover-se-á vegetação concorrente. O controlo da vegetação invasora consistirá sobretudo no corte de plantas das espécies indesejadas com tesourões mas também recorreremos ao arranque, sobretudo nas áreas sujeitas a queimadas controladas. Continuaremos os trabalhos de demarcação do percurso pedestre com o arranjo e a limpeza de trilhos.
As datas previstas para as Jornadas de Primavera são as seguintes: 30 de Abril, 14 de Maio e 18 de Junho. A 28 de Maio realizar-se-á uma jornada de visita, cujos detalhes organizativos serão anunciados duas semanas antes da mesma.

Lagoa da Estacada
No âmbito do projecto que estamos a desenvolver na lagoa da Estacada, zona húmida a montante da lagoa de Albufeira está já concluído para seguir para a ARH - Administração da Região Hidrográfica do Tejo o plano de intervenção com as medidas de gestão a implementar com vista à preservação desta importante zona húmida da Península de Setúbal.

Pedro Lucas

Salgueiro-branco Salix neotricha

CUIDAR DAS PARTES COMUNS

Vitor Luís / Unicre

Plantação de árvores e arbustos com voluntários da UNICRE

Dário Cardador

Construção da esteira numa acção de voluntariado

(a)*Chondrostoma occidentale*

Ruivacos do Oeste voltam ao alcabrichel

Realizou-se no dia 27 de Março, uma acção de repovoamento do rio Alcabrichel com Ruivacos do Oeste, uma espécie de peixe de água doce endémica (exclusiva) de Portugal que está em perigo de extinção e que está a objecto de reprodução em cativeiro. Para além do Ruivaco do Oeste, estão a ser reproduzidas outras quatro espécies de peixes do Oeste e do Sul do País, "criticamente em perigo": a boga-portuguesa (*Iberochondrostoma lusitanicum)*, o escalo do Mira (*Squalius torgalensis*), o escalo do Arade (*Squalius aradensis*) e a boga do Sudoeste (*Iberochondrostoma almacai*), sendo que colaboraram nesta parceria a Quercus ANCN, o Centro de Biociências do ISPA - Instituto Universitário, o Aquário Vasco da Gama, a Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa, a Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos e a EDP - Energias de Portugal. Como a conservação *ex situ* é apenas uma ferramenta de auxílio à conservação das espécies, vão decorrer em paralelo acções de conservação e melhoria dos habitats e de remoção das ameaças de forma a garantir a manutenção futura de populações selvagens. No rio Alcabrichel efectuaram-se já diversos trabalhos:
1. Plantação de cerca de duas mil árvores e arbustos de espécies ripícolas, como salgueiros (*Salix neotricha, S. atrocinerea*), amieiros (*Alnus glutinosa*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), sanguinho-de-água (*Frangula alnus*), choupo-negro (*Populus nigra*), loureiro (*Laurus nobilis*), etc....
2. Limpeza manual das margens através da remoção das canas e outros ramos secos que ficaram das intervenções anteriores, para evitar que sejam arrastados pelo caudal do rio e virem a causar obstruções à passagem da água e consequentemente inundações
3. Consolidação dos taludes nas zonas mais vulneráveis à erosão com recurso a várias técnicas de engenharia verde ou natural, consoante o grau de vulnerabilidade, para garantir a estabilização dos taludes enquanto a vegetação não for suficiente para desempenhar essa função. O material lenhoso utilizado foi proveniente do local, obtido através da poda de ramos dos poucos salgueiros que ainda existem no local
4. Enrocamento e colocação de faxinas. O enrocamento consiste na colocação de pedras e as faxinas são molhos de ramos atados com corda de sisal e arame e colocados na base do talude acima do enrocamento. Alguns dos ramos das faxinas irão enraizar.
5. Construção de esteira. A esteira é uma das técnicas aplicadas nas zonas mais vulneráveis à erosão e consta na deposição de muitos pequenos ramos ao longo talude seguros por troncos de maior calibre suportados por estacas.
O orçamento global do projecto é de 45.000€ e tem o apoio da UNICRE, das autarquias (Município de Torres Vedras e Junta de Freguesia de Ramalhal) que cederam máquinas, a pedra e paus tratados que serão para construir uma grade viva brevemente, num local vulnerável à erosão.

RESÍDUOS

Carmen Lima
Centro de Informação de Resíduos (CIR)

Unisilo

Isogranos Misturado com_cimento

Extrupiás

RCD

SGR

RCD

Arnorim

RCD

Obras públicas vão ter de incorporar 5% de resíduos ou materiais recicláveis

A 24 de Março de 2011 foi aprovado em Conselho de Ministros, a revisão da Legislação Nacional em matéria de Resíduos, no âmbito da transposição da Directiva Comunitária, que contemplou a Proposta da Quercus para a incorporação mínima obrigatória de 5% de materiais reutilizáveis ou recicláveis em Obras Públicas.

Esta Proposta foi apresentada pela Quercus ao Ministério do Ambiente em 2009, após a publicação do Regulamento Geral de Gestão dos Resíduos de Construção e Demolição (RCD), denominados vulgarmente como "entulhos" (Decreto-lei n.º 46/2008, de 12 de Março). Apesar de ter introduzido critérios e obrigações importantes para a gestão dos Resíduos no sector da construção, tendo inclusive introduzido a obrigatoriedade da triagem e reutilização em obra, bem como o reforço da obrigatoriedade do encaminhamento dos mesmos para destinos finais autorizados, a Quercus considerou que era um Regulamento pouco ambicioso na promoção da reciclagem e no escoamento dos produtos reciclados.

Durante muitos anos a Quercus alertou para o problema da má gestão dos resíduos provenientes de obras de construção e demolição, nos quais a ausência de legislação específica potenciou situações de manuseamento incorrecto e deposição ilegal, bem como a proliferação de empresas não licenciadas para a recolha e aluguer de contentores, com elevados impactes ambientais e sociais

A publicação do Regulamento Geral dos RCD não resolveu todos os problemas, mas foi o primeiro passo. É importante dar outros passos, caminhar no sentido da sustentabilidade, pelo que a Proposta aprovada irá contribuir nesse sentido. Para além de promover o escoamento dos materiais reciclados, incentivará a incorporação de resíduos nos processos de produção dos materiais de construção e das matérias-primas utilizadas em obra. Esta medida vai orientar os Projectos e os Cadernos de Encargo de Empreitadas Públicas para a incorporação de materiais mais sustentáveis, de acordo com os princípios das Compras Públicas Ecológicas.

Existem boas perspectivas para a sua aplicação, na medida em que, dadas as características da sua composição, os RCD apresentam a particularidade de poderem ser reciclados e reaproveitados em cerca de 80 a 95%. Por outro lado, actualmente já existe uma oferta muito interessante e consolidada de matérias-primas recicladas no mercado nacional. Esta oferta é diversificada e vai desde os agregados inertes reciclados (capazes de serem utilizados como substitutos de elementos naturais na construção de estradas, bases e sub-bases de pavimentos rodoviários), as misturas betuminosas com borracha (para aplicação na camada de desgaste do pavimento rodoviário), o equipamento e mobiliário urbano produzido com plástico misto reciclado, os isolamentos térmicos e acústicos reciclados (produzidos com incorporação de resíduos de cortiça, ou com resíduos de borracha e plástico), entre outros.

Apesar da regulamentação e da potencialidade de reciclagem/reutilização, o destino final dos RCD em Portugal continua a ser deposição em aterro, na sua maioria aterros não licenciados.

É no entanto um tema que merece mais atenção. As nossas obrigações em matéria de reciclagem apontam para 70%, em peso, até 2020, no que respeita à preparação para a reutilização, reciclagem e valorização de RCD, e Portugal actualmente não deverá ultrapassar os 5%.

Dada a conjuntura económica nacional, é tempo para adoptar as Boas Práticas Ecológicas, que são também as práticas mais económicas, no equilíbrio perfeito da trilogia: Ecologia, Economia e Sociedade.

Mais informações em: www.quercus.pt (em CIR)

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

1 **Anfíbios –** 20,00€
2 **Árvores –** 25,00€
3 **Aves –** 25,00€
4 **Serra Açor –** 15,00€
5 **Serra Sicó -** 15,00€
6 **Tejo -** 15,00€
7 **Cal 2011 –** 2,00€
8 **Fão –** 20,00€
9 **Urso –** 7,00€
10 **Contos da Biodiversidade –** 8.00€
11 **OGMA –** 3,50€
12 **Casa Ninho –** 15,00€
13 **Caixa Xisto -** 19.28€
14 **Caracol -** 51,60€
15 **Elefante –** 30,00€
16 **Hipopótamo –** 27.80€

A e-loja da Quercus é uma loja on-line que pretende colocar à disposição dos cidadãos uma gama de artigos ecológicos e apresentar ao público o material publicado pela Quercus - ANCN. A Quercus oferece assim a oportunidade de consumir de forma mais saudável, responsável e equilibrada.
Ao optar por um consumo responsável, comprando na loja Quercus, está a fazer não só um pequeno gesto em prol da sustentabilidade, mas também um grande contributo para a preservação da biodiversidade, na medida em que todas as receitas não reinvestidas revertem para o Fundo Quercus de Conservação da Natureza e da Biodiversidade, onde serão aplicadas em projectos como a rede de reservas biológicas.

e-LOJA QUERCUS

Como comprar na e-loja da Quercus?
É prático e cómodo realizar compras na loja Quercus, para isso basta aceder à página da loja: http://e-loja.quercus.pt , ou seguir o link existente na página da Quercus em: http://www.quercus.pt, escolher os artigos e a quantidade pretendidos e seguir as instruções sugeridas nas "condições de venda" presentes nesta página.
Como forma de pagamento o cliente poderá optar pela transferência bancária, pela emissão de cheque ou de vale postal. Em breve estará disponível a opção de pagamento através de multibanco. Caso o cliente seja sócio da Quercus beneficiará de um desconto de 5% sobre o preço do artigo e poderá ainda optar pelo envio da encomenda através de cobrança postal.
Consuma de forma moderada e responsável!

LIVROS

Urbanismo e Natureza – Os Desafios

O urbanismo não se resume ao desenho que aparenta ser; organiza os usos, os espaços edificados e os espaços abertos, sem deixar de ter em conta que a cidade se faz também pela apropriação que as pessoas dela fazem.
Ao urbanismo e aos urbanistas pedem-se soluções e respostas para que as pessoas encontrem nas cidades qualidade, conforto, dignidade, segurança e a possibilidade de serem felizes. O que lhes reforça o direito, e o dever, de fazer perguntas e pôr questões, condição essencial para transformar o seu trabalho num exercício de diálogo com todos os que fazem e vivem as cidades. Aos políticos e aos decisores compete criar as condições para que os sistemas e instrumentos de ordenamento e gestão territorial acautelem o conjunto dos interesses em presença, sejam eles individuais ou colectivos, desta geração ou das próximas, de forma integrada, participada e transparente.
Este livro, que teve como ponto de partida as questões, as expectativas e os anseios dos alunos de Urbanismo do curso de Mestrado Integrado em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, é um contributo para este debate.

Autor: Leonel Fadigas

Edição: Edições Sílabo

Preço: 13,90 euros

CONSELHO AMBIENTAL

Cultive Plantas Autóctones

Para que a nossa floresta tenha uma área ainda maior basta um gesto simples – plantar uma árvore ou outra espécie autóctone. Por exemplo, alecrim, rosmaninho, sobreiros e azinheiras.
Se todos pudermos plantar uma árvore e pudermos colaborar no crescimento das nossas florestas autóctones e na preservação das mesmas, será um passo e um contributo importante.
Se não tiver um viveiro onde encontrar estas plantas recolha sementes na natureza (mas sem destruir outras plantas) e semeie-as em vasos.
Por isso não se esqueça cultive plantas autóctones.
Preserve a floresta.

Paulo Magalhães

LINKS

www.sosementes.gaia.org.pt _Campanha pelas Sementes Livres - semear o futuro, colher a diversidade

www.seed-sovereignty.org/pt _Campanha pelas Sementes Livres - semear o futuro, colher a diversidade

http://wwf.panda.org/what_we_do/how_we_work/conservation/forests/publications/living_forests_report/
Forests: What future do we want? (tradução: Florestas: que futuro queremos?)

ECOTOPIA

Cândida Mendes

Furnas do Enxofre, detalhe da zona do Vale do Inferno. Base de dados Fotográfica do Geva.

Cândida Mendes

Miscelânea de cores e formas, neste caso devido ao desenvolvimento de briófitos. Base de dados Fotográfica do Geva.

Cândida Mendes

Vaccinium cylindraceum, vulgarmente conhecida por Uva da Serra, uma das espécies endémicas que ocorre na área envolvente das fumarolas. Base de dados Fotográfica do Geva.

Cândida Mendes

Palhinhae cernua, um feto de aspecto peculiar frequente nas Furnas do Enxofre. Base de dados Fotográfica do Geva.

OS MURMÚRIOS DE UM VULCÃO – AS FURNAS DO ENXOFRE NA ILHA TERCEIRA

A peculiaridade das ilhas Açorianas reflecte-se em termos sensoriais de formas muito distintas. O cheiro da comida nas inúmeras festas locais, o manto de nuvens que teima tocar a terra e vestir nosso corpo, o deslumbre da paisagem retalhada fruto da implantação de pastagens, a empatia destas gentes são recordações que ficam por quem cá passa.

A natureza é contudo o maior cartão de visita destas ilhas, e são inúmeros os locais de passagem obrigatória, cada um com características intrínsecas únicas e incomparáveis, tal como o são as nove ilhas do arquipélago. Em comum estes locais têm uma incomparável riqueza e uma necessidade de respeitar as entidades que nas mesmas se desenvolvem.

Hoje o grupo Geva da Universidade dos Açores elegeu um local singular para descrever e dar um pouco mais a conhecer – As Furnas do Enxofre (Foto 1), numa postura que só podemos proteger o que conhecemos, sensibilizando para as potencialidades e fragilidades deste lugar único que todos devemos respeitar a bem da sua resiliência. Uma visita a este local na ilha Terceira expressa-se na estimulação dos nossos vários sentidos. Sobressai logo à entrada o cheiro quente e intenso a enxofre, proveniente do que frequentemente por cá se chama as "entranhas" da terra. Ouve-se em simultâneo o "respirar" do vulcão de cujas emissões gasosas provêm o cheiro. Um misto de curiosidade e emoção percorre já o nosso corpo. A estas sensações corporais acrescenta-se agora o sentido estimulado da visão em que o verde geral da paisagem diminui à medida que nos aproximamos da zona das fumarolas, em que os contrastes passam a predominar (Foto 2), desde o nú ao vestido e aconchegado, desde o cinzento até mesmo ao vermelho que revestem o solo. Com facilidade somos transportados a um outro mundo... ou ao início do mundo.

Esta pequena parcela de mundo natural exótico localiza-se no interior da ilha Terceira, a uma altitude de cerca de 600 m acima do mar e caracteriza-se pela agressividade típica das condições atmosféricas nas zonas mais alta desta ilha. Salientamos os elevados níveis de precipitação que se evidenciam na paisagem pela presença de grande quantidade de zonas húmidas que se desenvolvem nas furnas e predominam nas áreas envolventes.

As referências históricas a este local são inúmeras existindo uma clara relação das Furnas com a memória e a história das gentes Terceirenses.

Charles Darwin aquando da sua famosa viagem (1831) parou na ilha Terceira, tendo visitado as Furnas do Enxofre escreveu:
"*...Quando chegamos à entrada da cratera encontrei uma ligeira depressão, ou antes um pequeno vale (....) sem qualquer saída. (...) o vapor perto dos orifícios irregulares é tão quente que a mão não aguenta (....) o efeito nas lavas traquíticas adjacentes é único, a pedra sólida foi inteiramente convertida em barro de porcelana, de um branco puro como a neve, ou mesmo uma espécie de vermelho brilhante, ou nas duas cores juntas: o vapor emana através do barro quente. Este fenómeno ocorre à muitos anos; diz-se que em tempos saíram chamas das fendas (...)*".

Outra descrição histórica é do Padre Jerónimo Emiliano de Andrade (1891) que refere:
"*No centro da ilha (...) se encontra uma caldeira denominada Furna do Enxofre, a qual é a boca de um vulcão em actividade. Apezar de ser pouco profunda e de não conter de diâmetro talvez mais de 40 braças, ninguém pode ali entrar sem susto e admiração (....)*".

A importância deste local está expressa em várias figuras de classificação e protecção, desde logo é Monumento Natural Regional (Decreto Legislativo Regional n.º 10/2004/A). Esta área está simultaneamente classificada como zona húmida Ramsar desde 2008. No âmbito europeu este local é considerado área de relevância ao nível da conservação da natureza, constando da lista de Zonas Especiais de Conservação (ZEC's) para a região biogeográfica da Macaronésica da Rede Natura 2000, sob a designação "Serra de Santa Bárbara e Pico Alto". O habitat formado por estas fumarolas é protegido pela Directiva Habitats DL nº 49/2005 sobre a designação Campos de Lava e Escavações Naturais (Habitat 8320). Associadas às fumarolas existem outras formações protegidas, nomeadamente turfeiras e florestas.

São também inúmeras as plantas endémicas (incluindo espécies protegidas) que se desenvolvem nas Furnas, o *Juniperus brevifolia*, a *Erica azorica*, o *Vaccinium cylindraceum* (Foto 3) e o *Laurus azorica* são as lenhosas que mais sobressaem.

A *Palhinhae cernua* (Foto 4), a *Culcita macrocarpa* e a *Woodwardia radicans* são espécies de fetos de elevado valor patrimonial que facilmente podem ser encontradas neste local.

Na área envolvente das bocas de gases (Foto 5) apenas os seres mais extremófilos se desenvolvem. Saltam à vista inúmeros musgos, hepáticas, algas e líquenes (Foto 6), alguns raros e registados na "Lista Vermelha dos Briófitos da Europa", do Comité Europeu para a Conservação dos Briófitos. Os mais frequentes musgos são os do género *Sphagnum* (*e.g. S. palustre, S. capillifolium, S. rubellum*), *Campylopus* e *Leucobryum*.

Mesmo junto à saída dos gases, o terreno é demasiado quente para permitir uma cobertura vegetal mas ainda assim borbulha vida microscópica que aguarda identificação e compreensão. Estes organismos representam ainda um mundo desconhecido.

Locais desta natureza representam laboratórios vivos únicos para o estudo da adaptação da vida animal e vegetal a meios ambientes de extremo rigor.

Esta equipa tem vindo a efectuar uma série de estudos neste local tendo contribuído para o reconhecimento da importância destas formações. Estes estudos estão a ter continuidade com uma tese de mestrado (de um dos autores) actualmente a decorrer que pretende valorizar estas formações, mostrar a sua singularidade e diversidade e promover alterações do comportamento da sociedade através de uma maior consciência colectiva sobre estes ambientes extremófilos, no sentido de intervir na gestão das Furnas do Enxofre contribuindo com medidas que permitam uma gestão mais adequada deste local.

Pela singularidade única nos Açores destas formações, únicas em estado natural trata-se de um habitat com elevado valor patrimonial regional, nacional e mesmo europeu.

Contudo, embora apresente ainda um bom estado de conservação, tem sido alvo de um conjunto de inúmeras ameaças com impactos significativos, desde pisoteio por animais, à visitação com deposição de lixos, e embora com passadiços, ainda se verifica a passagem de pessoas fora dos mesmos, com impactes muito significativos. Estes fenómenos têm de ser alvo de reflexão das entidades locais para que cada vez se promova a conservação destas formações. Uma aposta na educação ambiental dos visitantes é fundamental. Que este pequeno texto seja promotor dessa mesma consciencialização ambiental.

Eduardo Dias

Elevada diversidade de espécies de briófitos que se desenvolvem na área envolvente da fumarola. Base de dados Fotográfica do Geva.

Cândida Mendes

Uma das bocas do vulcão. Base de dados Fotográfica do Geva

Eduardo Dias, Cândida Mendes & Rita Costa
Grupo de Ecologia Vegetal Aplicada (GEVA)
Universidade dos Açores
Email:cmendes@uac.pt

RETRATO

PARTICIPAR

1

2

9

3

4

5

6

10

7

8

1- Grifos e abutre preto mortos por veneno. **Samuel Infante**

2– Grifos envenenados. **Samuel Infante**

3– Lobo envenenado. **Pedro Martins**

4– Necropcia a abutre envenenado. **Doriane**

5– Grifo envenenado. **DR**

6– Abutre preto envenenado. **Samuel Infante**

7– Devolução à natureza de um abutre preto envenenado **Samuel Infante**

depois do tratamento num centro de recuperação de fauna da Quercus. **Samuel Infante**

8– Devolução à natureza de um abutre preto.**Samuel Infante**

9– GNR sepna na recolha de abutre envenenado. **Samuel Infante**

10– Abutre do Egipto - as aves necrofagas são das mais afectadas pelo uso ilegal de venenos. **Samuel Infante**

USO ILEGAL DE ISCOS ENVENENADOS

Os tóxicos são uma ameaça à Saúde Pública e à Biodiversidade. O uso ilegal de iscos envenenados e a falta de controlo sobre a venda e a utilização de muitas substâncias tóxicas comercializadas legalmente no mercado são duas situações com sérias repercussões na fauna, em particular nas espécies silvestres, muitas delas seriamente ameaçadas por este problema.
Para fazer frente a este problema, foi constituída uma plataforma de várias organizações públicas e privadas portuguesas, denominada Programa Antídoto – Portugal.
O Programa Antídoto – Portugal é uma plataforma contra o uso ilegal de venenos, constituída por várias entidades públicas e privadas portuguesas e que teve início oficial a 4 de Março de 2004. Este programa pretende combater as diversas formas de utilização indevida de substâncias tóxicas e contribuir para um melhor conhecimento sobre as consequências que essas práticas representam para a fauna silvestre.
Para mais informações: www.antidoto-portugal.org

O que fazer? No caso de encontrar um animal com suspeita de envenenamento, deve contactar imediatamente as autoridades:
- **SEPNA/GNR** Central (Lisboa): 21 750 30 80 / csepna@gnr.pt
- **SOS Ambiente: 808 200 520**

ZOOM **Samuel Infante**

LARA E O PERIGO NA FLORESTA
CONTO DA NATUREZA

Alexandrina Pipa ilustração: **Gabriel Lagarto**

Há muito que a época das cheias tinha terminado. Agora os dias de calor intenso forçavam a família de Elbo a sair apenas pelo fresco da manhã ou após o pôr-do-sol para se alimentar nas pastagens dos campos mais baixos; o resto do dia era passado, quase sempre a ruminar, refugiada na frescura os carvalhais.
Lara aprendera depressa a viver no seio da família de veados, e embora ainda não tivesse recuperado a memória e pouco entendesse sobre a linguagem dos veados, isso não a impedia de participar, com muito entusiasmo e boa disposição, em todas as actividades dos cervídeos. O leite de veado, que ela aprendeu rapidamente a obter da mesma forma que os veados bebés fazem, directamente do úbere das fêmeas, era o principal alimento da menina. A pequena humana também aprendeu com Elbo a saborear as folhas tenras de várias plantas comestíveis, como o plantago, a borragem, o trevo e o dente-de-leão, e a encontrar bagas e frutos comestíveis, como as amoras e as framboesas. Por vezes, Lara ainda era prendada com um ou outro ovo que as perdizes e outras aves lhe ofereciam.
Um estranho e recente gosto estava a despertar em Lara; enquanto os veados pastavam, a menina ocupava-se a perseguir e a saborear gafanhotos e, a avaliar pela expressão de satisfação que fazia quando capturava algum daqueles insectos saltitantes, não restavam, aos veados, quaisquer dúvidas: os gafanhotos eram saborosos. Os veados também não tinham dúvidas sobre quem lhe teria ensinado a apreciar o sabor dos gafanhotos, o responsável era Ronda o cão preto que Lara abraçava no dia em que foi salva. Desde então este fiel amigo não deixou de tentar aproximar-se da menina; desconfiados, os veados bem que tentaram afastar o animal, mas ele foi tão persistente em aproximar-se que os veados decidiram aceitá-lo também na família.
Ronda, assim baptizado pelos veados, revelou-se muito importante; graças ao seu faro apurado, ele ajudava os veados a manterem-se em segurança longe dos caçadores e outros predadores e ajudava Lara a encontrar comida.
Todos os dias Elbo levava a nova habitante, montada sobre o seu dorso, a conhecer os recantos da floresta. Quase sempre em silêncio, seguidos de perto por Ronda, menina e veado exploravam, folha a folha, cada centímetro quadrado de terreno.
Na floresta, a menina já era naturalmente aceite como amiga, todos os animais a conheciam e quase todos aceitavam brincar com ela como brincam com os irmãos ou com os filhotes.
Ao fim de um destes dias de calor, enquanto os veados pastavam descontraidamente numa clareira rodeada por pinheiros, eucaliptos e cedros, Lara, sentada num dos ramos mais altos de um velho carvalho isolado, brincava acariciando um tufo de líquen, ao mesmo tempo que cantarolava imitando os sons da floresta e agitando levemente as suas pequenas pernas perante o olhar atento do esquilo Zeca; o fiel Ronda permanecia debaixo da árvore entretido a perseguir uma lagartixa.
Um cheiro estranho impregnou a floresta, Ronda olhou para Lara, puxou as orelhas para mais perto dos olhos, como quem franze as sobrancelhas e deu três latidos mais rápidos e mais agudos do que o habitual; alarmada, Lara, interrompeu a cantoria e olhou à volta à procura da razão para o alarme que o seu cão tinha feito soar. Agitados, os veados correram para debaixo do carvalho e de pescoço esticado, procuravam com o olhar sinais de perigo.
-É fogo! Temos que sair daqui imediatamente - avisou a mãe de Elbo.
-Depressa, sobe para as minhas costas! - ordenou Elbo.
- Fo-go! Fo-go! - repetiu Lara, imitando as palavras dos veados enquanto desce rapidamente de cima do carvalho.
O grupo precipitou-se em fuga, descrevendo ziguezagues por carreiros já existentes em direcção ao carvalhal que existia junto ao rio. Pelo caminho, ao saltar de um precipício com alguns metros de altura, Elbo caiu e rolou sobre Lara que desmaiou ao bater com a cabeça numa pedra. Em pânico Elbo levantou-se e continuou a fugir, deixando para trás a menina inanimada.
O primeiro a aperceber-se da falta de Lara foi Ronda que imediatamente voltou atrás e tentava de várias formas reanimar a sua jovem amiga.
Começava a escurecer, e o clarão provocado pelo incêndio manchava o ar da floresta em tons de laranja e cinza, o fumo e o crepitar da vegetação, ao ser consumida pelas chamas, invadiam assustadoramente toda a floresta. Árvores centenárias e muitas outras plantas e animais estavam agora ameaçados pelo fogo que devorava sem piedade os pinhais, eucaliptais e matagais ali bem perto.
Quando se apercebeu que tinha abandonado Lara também Elbo voltou atrás, assim como o resto do grupo de veados ao darem pela falta dos três elementos. Muitos eram os animais que apressadamente se cruzavam com os veados.
- Não a podemos deixar aqui! - exclamou ronda em tom de súplica.
- Não vamos deixar! - sossegou-o Elbo
Como Lara não acordava e não havia mais tempo a perder, o jovem veado baixou-se junto à menina e pediu:
- Depressa puxem-na para cima das minhas costas!
Alguns elementos do grupo de veados ajudaram o cão a puxar Lara para cima de Elbo, depois, em passo lento para que a menina não caísse, dirigiram-se para o carvalhal.
O fogo já rodeava o carvalhal, o fumo era muito e cada vez se tornava mais difícil respirar.
- Estamos encurralados! – gritou uma das fêmeas do grupo de veados.
- Talvez o carvalhal nos proteja! – sossegou-a a mãe de Elbo.
- E os bombeiros?! – pergunta Ronda.
- Não há habitações de humanos em risco, será difícil os bombeiros virem até aqui para protegerem um carvalhal! - esclareceu Elbo
Ronda lambe insistentemente a cara de Lara, que permanecia deitada no chão da floresta, e puxa pela sua manga de tecido velho e já rasgado.
Lara começa a gemer e todos se aproximam para saber se está bem.
- Fo-go – repete a menina apontando para o ar iluminado.
Como fogo de artifício mortal, pedaços de cascas e de folhas de árvores ainda incandescentes bombardeavam o carvalhal que agora era abrigo de milhares de animais, desde répteis e insectos a javalis e veados, todos ameaçados pelo mesmo inimigo: o fogo.
Por enquanto, Lara tinha apenas alguns arranhões sem gravidade. A atenção de todos estava agora voltada para o incêndio que já atingia proporções gigantescas e começavam a temer seriamente pelas suas vidas.
Quando tudo parecia perdido, uma réstia de esperança surge no carvalhal; de repente, levanta-se um suave vento de esperança que sopra as chamas e o fumo para o outro lado do monte; quase ao mesmo tempo ouvem-se as sirenes dos bombeiros que parecem estar perto.
O alívio foi notório na floresta de carvalhos, os animais sobreviventes ali refugiados já podiam respirar de novo e todos sentiam que deviam ao carvalhal a sua vida, porque num grande carvalhal, onde há musgos e muita diversidade de vegetação, a humidade do solo e do ar é muito maior do que nas florestas de pinhal ou eucaliptal. E talvez isso tivesse impedido o fogo de o consumir.
Ao ouvir as sirenes a mãe de Elbo lembrou-se que deveria haver humanos por perto, com algum esforço poderiam levar Lara até eles para que fosse ao encontro da sua família.
- Lara, minha querida, queres ir para tua casa? – perguntou.
- Casa é aqui! - respondeu-lhe a menina.
A verdade é que naquele momento nenhum dos veados estava disposto a ver Lara partir, ela já fazia parte da floresta.

ÁGUA/OCEANOS

DR 40 SÉRIE I de 2011-02-25
Portaria n.º 85/2011 - MADRP
Modifica a designação do Regulamento da Pesca nas Águas Interiores não Oceânicas do Rio Tejo, aprovado pela Portaria n.º 569/90, de 19 de Julho, para Regulamento de Pesca nas Águas Interiores não Marítimas do Rio Tejo

DR 43 SÉRIE I de 2011-03-02
Portaria n.º 93/2011 - MAOT
Aprova a delimitação dos perímetros de protecção para a captação de águas subterrâneas destinadas ao abastecimento público de vários pólos de captação no concelho de Torres Vedras

DR 48 SÉRIE I de 2011-03-09
Portaria n.º 97/2011 - MAOT
Procede à alteração dos vértices e coordenadas de alguns pólos de captação de águas subterrâneas destinadas ao abastecimento público, constantes de perímetros de protecção anteriormente aprovados

DR 50 SÉRIE I de 2011-03-11
Portaria n.º 100/2011 - MAOT
Aprova a delimitação do perímetro de protecção da captação designada por LRS1 do pólo de captação da Golpilheira, no lugar de Paul, concelho da Batalha

DR 61 SÉRIE I de 2011-03-28
Portaria n.º 118/2011 - MAOT
Aprova a delimitação dos perímetros de protecção das captações de Rabissaca, Casais Brancos e Fiandal, no concelho de Alenquer

DR 65 SÉRIE I de 2011-04-01
Portaria n.º 129/2011 - MAOT
Aprova a delimitação dos perímetros de protecção para a captação de águas subterrâneas destinadas ao abastecimento público de vários pólos de captação no concelho das Caldas da Rainha

Portaria n.º 130/2011 - MAOT
Aprova a delimitação dos perímetros de protecção para a captação de águas subterrâneas destinadas ao abastecimento público de vários pólos de captação no concelho de Santarém

AGRICULTURA

DR 74 SÉRIE I de 2011-04-14
Decreto-Lei n.º 54/2011 - MADRP
Estabelece derrogações à inscrição, produção, certificação e comercialização de variedades de conservação e de outras variedades de espécies hortícolas

CONSERVAÇÃO DA NATUREZA/FLORESTA/ CAÇA/PESCA

DR 40 SÉRIE I de 2011-02-25
Portaria n.º 86/2011 - MADRP
Aprova o Regulamento Geral de Procedimentos de Acesso às Ajudas e aos Pagamentos a Efectuar pelo Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas, I. P. (IFAP, I. P.)

DR 58 SÉRIE I de 2011-03-23
Portaria n.º 113/2011 - MADRP
Aprova o Regulamento do Fundo Florestal Permanente

DR 58 SÉRIE I de 2011-03-23
Decreto Legislativo Regional n.º 8/2011/A – RAA - AL
Cria o Parque Natural das Flores

DR 59 SÉRIE I, 1º SUPLEMENTO de 2011-03-24
Portaria n.º 115-B/2011 – MDN; MADRP; MAOT
Aprova o Regulamento da Pesca Comercial Apeada, na Modalidade de Pesca à Linha, no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina

DR 61 SÉRIE I de 2011-03-28
Decreto Legislativo Regional n.º 10/2011/A – RAA - AL
Cria o Parque Natural de São Jorge

DR 66 SÉRIE I de 2011-04-04
Portaria n.º 133/2011 - MADRP
Aprova o Regulamento para o Funcionamento das Zonas de Caça Municipais, revogando a Portaria n.º 545/2008, de 27 de Junho

Portaria n.º 134/2011 - MADRP
Segunda alteração da Portaria n.º 1229/2009, de 12 de Outubro, que estabelece as regras dos exames para a obtenção de carta de caçador

DR 69 SÉRIE I de 2011-04-07
Portaria n.º 147/2011 - MADRP
Define as espécies cinegéticas às quais é permitido o exercício da caça e fixa os períodos, os processos e outros condicionamentos para a época venatória 2011-2012, 2012-2013 e 2013-2014

DR 77 SÉRIE I de 2011-04-19
Portaria n.º 165/2011 – MADRP
Estabelece que o período crítico, no âmbito do Sistema de Defesa da Floresta contra Incêndios, vigore de 1 de Julho a 30 de Setembro de 2011

ENERGIA/ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS/ POLUIÇÃO DO AR /MOBILIDADE

DR 41 SÉRIE I de 2011-02-28
Decreto-Lei n.º 29/2011 - MEID
Estabelece o regime jurídico aplicável à formação e execução dos contratos de desempenho energético que revistam a natureza de contratos de gestão de eficiência energética, a celebrar entre as entidades públicas e as empresas de serviços energéticos

DR 47 SÉRIE I de 2011-03-08
Decreto-Lei n.º 34/2011 - MEID
Estabelece o regime jurídico aplicável à produção de electricidade por intermédio de instalações de pequena potência, designadas por unidades de miniprodução

DR 50 SÉRIE I de 2011-03-11
Portaria n.º 99/2011 – MFAP, MEID
Actualiza as taxas do imposto sobre os produtos petrolíferos e energéticos (ISP)

DR 67 SÉRIE I de 2011-04-05
Resolução do Conselho de Ministros n.º 21/2011 - PCM
Adopta um conjunto de medidas de apoio dirigidas ao sector do transporte público rodoviário de mercadorias

DR 71 SÉRIE I de 2011-04-11
Resolução da Assembleia da República n.º 84/2011 - AR
Recomenda ao Governo a adopção de medidas urgentes a implementar no sector dos combustíveis em Portugal

DR 75 SÉRIE I de 2011-04-15
Resolução da Assembleia da República n.º 89/2011 - AR
Recomenda ao Governo a adopção de medidas na área da regulação do sector eléctrico português

DR 75 SÉRIE I de 2011-04-15
Resolução da Assembleia da República n.º 90/2011 - AR
Recomenda ao Governo a criação de um regime que imponha ao mercado de combustíveis rodoviários uma maior diversificação na oferta, bem como a divulgação da respectiva estrutura de preços

ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

DR 41 SÉRIE I de 2011-02-28
Portaria n.º 91/2011 - MAOT
Altera a delimitação da Reserva Ecológica Nacional para a área do município de Palmela

DR 42 SÉRIE I de 2011-03-01
Resolução do Conselho de Ministros n.º 15/2011 - PCM
Altera as áreas sujeitas às medidas preventivas estabelecidas pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 10/2009, de 27 de Janeiro, necessárias à implementação do troço compreendido entre Braga e Valença do projecto de ligação ferroviária em alta velocidade entre o Porto e Vigo e prorroga o respectivo prazo de vigência pelo período de um ano

Resolução do Conselho de Ministros n.º 16/2011 - PCM
Altera as áreas sujeitas às medidas preventivas estabelecidas pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 12/2009, de 27 de Janeiro, necessárias à implementação do troço compreendido entre Pombal e Oliveira do Bairro do projecto de ligação ferroviária em alta velocidade entre Lisboa e o Porto e prorroga o respectivo prazo de vigência pelo período de um ano

DR 43 SÉRIE I de 2011-03-02
Portaria n.º 94/2011 - MAOT
Aprova a alteração à delimitação da Reserva Ecológica Nacional do município de Ovar

Decreto-Lei n.º 35/2011 - MC
Cria a Côa Parque - Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa e aprova os respectivos Estatutos

DR 56 SÉRIE I de 2011-03-21
Portaria n.º 112/2011 - MAOT
Aprova a alteração à delimitação da Reserva Ecológica Nacional do município de Arouca

DR 64 SÉRIE I de 2011-03-31
Portaria n.º 126/2011 - MAOT
Aprova a alteração à delimitação da Reserva Ecológica Nacional para a área do município de Torres Novas

DR 76 SÉRIE I de 2011-04-18
Portaria n.º 162/2011 – MEID; MADRP; MOPTC; MAOT
Define os limites e condições para a viabilização das utilizações não agrícolas de áreas integradas na Reserva Agrícola Nacional

SUBTÂNCIAS QUÍMICAS

DR 48 SÉRIE I de 2011-03-09
Decreto-Lei n.º 36/2011 - MAOT
Estabelece obrigações relativas à exportação e importação de produtos químicos perigosos, assegurando a execução na ordem jurídica nacional do Regulamento (CE) n.º 689/2008, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 17 de Junho de 2008

DR 64 SÉRIE I de 2011-03-31
Decreto-Lei n.º 47/2011 - MS
Altera a lista de substâncias activas que podem ser incluídas em produtos biocidas, tendo em vista a protecção da saúde humana e animal e a salvaguarda do ambiente

DR 74 SÉRIE I de 2011-04-14
Decreto-Lei n.º 55/2011 - MADRP
Proíbe a utilização de uma substância em biberões de plástico, com o objectivo de proteger a saúde das crianças, transpõe a Directiva n.º 2011/8/UE, da Comissão, de 28 de Janeiro, e procede à segunda alteração do Decreto-Lei n.º 62/2008, de 31 de Março

OUTROS

DR 55 SÉRIE I de 2011-03-18
Resolução da Assembleia da República n.º 46/2011 - AR
Apoio à candidatura da Arrábida a património mundial

Resolução da Assembleia da República n.º 47/2011 - AR
Apoio à candidatura da Arrábida a património da humanidade

Resolução da Assembleia da República n.º 48/2011 - AR
Apoio à candidatura da Arrábida a património mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)

Resolução da Assembleia da República n.º 49/2011 - AR
Apoio à candidatura da Arrábida a património mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)

Resolução da Assembleia da República n.º 50/2011 - AR
Apoio à candidatura de Arrábida a património mundial da humanidade

DR 59 SÉRIE I de 2011-03-24
Decreto-Lei n.º 43/2011 - MEID
Estabelece a segurança dos brinquedos, transpondo a Directiva n.º 2009/48/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 18 de Junho

LEGENDA

AR - Assembleia da República
MADRP - Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas
MAI - Ministério da Administração Interna
MAOT - Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território
MC – Ministério da Cultura
MDN – Ministério da Defesa Nacional
MCTES - Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
MEID - Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento
MFAP – Ministério das Finanças e Administração Pública
MNE - Ministério dos Negócios Estrangeiros
MOPTC - Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações
MS – Ministério da Saúde
MTSS - Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social
PCM - Presidência do Conselho de Ministros
PCM – CJ - Presidência do Conselho de Ministros - Centro Jurídico
PR – Presidência da República
RAA - AL - Região Autónoma dos Açores - Assembleia Legislativa
RAA - PG - Região Autónoma dos Açores - Presidência do Governo
RAA – SGAM – Região Autónoma dos Açores – Secretaria-geral do Ambiente e do Mar
RAM - AL – Região Autónoma da Madeira - Assembleia Legislativa
TC – Tribunal Constitucional

Fonte: Diário da República Electrónico – Sumários (http://dre.pt/)

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL

PROPOSTAS DIDÁCTICAS

CONSTRUIR UM FORNO SOLAR

1. Reutiliza uma caixa de esferovite rectangular ou pede a alguém que te construa uma caixa rectangular com madeira usada.
2. Se a caixa for de madeira, forra-a por fora com várias camadas de papel de jornal, para evitar ter perdas de calor.
3. Forra todo o interior da caixa com papel de alumínio, evitando que fique com rugas e com espaços em branco.
4. Arranja uma tampa de vidro que tape todo o cimo da caixa, se for em vidro duplo é muito melhor.
5. Arranja um tacho com a parte de cima da tampa preta, se não tiveres podes sempre pintar a tampa de um tacho velho. É importante que seja preto ou uma cor escura, porque as cores escuras absorvem muito mais o calor.
6. Agora que já tens o forno solar construído, só precisas de o colocar ao sol.
7. Coloca-o num local onde nada lhe faça sombra.
8. Coloca o teu forno ao sol de forma que as luz solar fique a iluminar directa mente o interior da caixa
9. Agora podes aquecer o teu lanche no forno solar.

UTAD – Vila Real
Inscrições até 31 de Maio 2011

CURSO EM VALORAÇÃO ECONÓMICA DO AMBIENTE

Objectivos:
Proporcionar conhecimentos e competências na área da valoração económica do ambiente

4-8 Julho/ 2011

WORKSHOP DE META-ANÁLISE E TRANSFERÊNCIA DE BENEFÍCIOS

Objectivos:
Introduzir as principais ferramentas disponíveis para a transferência de benefícios e discutir a sua aplicabilidade, desafios e limites, no contexto da tomada de decisão

8 Julho/ 2011

Rui Berkmeier

ROSTOS QUERCUS

Nome: Rui Daniel Berkemeier

Idade: 48 anos

Função na Quercus: Coordenador do Centro de Informação de Resíduos

Funções:
Como coordenador do Centro de Informação de Resíduos da Quercus (CIR) cabe-me a coordenação geral deste projecto da associação, nomeadamente o apoio e orientação técnica e estratégica do trabalho dos outros dois técnicos que integram este projecto, o Pedro Carteiro e a Carmen Lima, assim como a colaboração na coordenação do trabalho dos outros dois colaboradores do CIR, a Conceição Lopes e o António Gomes.
Para além destas tarefas relacionadas com a coordenação desta estrutura da associação, também tenho tarefas específicas, nomeadamente o acompanhamento de temáticas como os resíduos urbanos, os hospitalares e os industriais.
Tal como os meus colegas, tenho de ser polivalente, exercendo funções técnicas, administrativas, de angariação de fundos, de contacto com o público em geral, com a comunicação social e ainda com os decisores públicos e privados na área dos resíduos.

Como aconteceu a sua vinda para a Quercus:
Em 1996, após ter trabalhado na Câmara Municipal das Ilhas em Macau, voltei para Portugal com o objectivo de trabalhar numa associação de ambiente, uma vez que sentia que seria numa organização com essas características onde poderia dar um melhor contributo para a defesa do ambiente nas áreas onde tinha formação académica e experiência profissional (gestão de resíduos e controle de poluição hídrica).
Inicialmente comecei a colaborar com um amigo de longa data e então dirigente da Quercus, o Pedro Vieira, mas com a sua prematura saída da Quercus tive de desenvolver o projecto para viabilizar a minha permanência a nível profissional na associação, o que requereu um investimento pessoal de cerca de dois anos e que acabou por se concretizar através da criação de CIR.
Esta estrutura profissionalizada da associação para a área dos resíduos assenta em parcerias com entidades e empresas que promovem a política dos 3 R´s num processo de estreita e profícua colaboração com a Quercus.
O CIR em permitido ao longo dos anos que a associação tenha tido um papel muitas vezes decisivo nas principais questões relacionadas com as políticas de gestão de resíduos.

Em que área de trabalho da Quercus mais se revê:
A área de trabalho na Quercus onde estou inserido é a gestão dos resíduos e em particular a promoção da correcta gestão dos resíduos dando sempre prioridade à prevenção e à reciclagem.
Ao longo dos anos temos apoiado muitos projectos na área da prevenção e sobretudo da reciclagem de resíduos, procurando sensibilizar os decisores políticos para a importância de tomarem medidas que incrementem a prevenção e a reciclagem.
Defendo que a Quercus deve ter grupos de trabalho temáticos profissionalizados que permitam à associação aprofundar as diferentes temáticas, podendo assim estar sempre um passo à frente em relação aos decisores políticos.
É claro que temos de continuar, através do nosso trabalho diário, a motivar os cidadãos para aderirem à Quercus e se envolverem voluntariamente nas muitas lutas que temos pela frente em prol do ambiente.
A demonstração desse facto para outras áreas, tal como também está a ser feito pela Quercus para a área da energia, é fundamental para que a associação possa ter um papel ainda maior na defesa do ambiente.

O que mais o preocupa em matéria ambiental:
Devido à minha experiência profissional preocupa-me naturalmente a gestão dos resíduos, mas também as questões relacionadas com a mobilidade sustentável, nomeadamente a promoção dos transportes públicos.
A poluição das águas é também um assunto que me toca.
Por outro lado, a desertificação humana do interior do nosso país e o desaparecimento das aldeias á algo que me deixa muito preocupado. Projectos ligados ao ambiente podem ser uma importante alavanca para o desenvolvimento dessas regiões.
Um dos aspectos em que penso que ainda há muito para fazer é a ligação entre a protecção do ambiente e o desenvolvimento económico que muitas vezes são vistos como objectivos antagónicos, o que é um erro. Na experiência que temos tido na Quercus na área dos resíduos, já percebemos claramente que as boas práticas ambientais são amigas do desenvolvimento económico.

Diga-nos o que faz todos os dias pelo ambiente:
As duas coisas em que julgo dar um melhor contributo para o ambiente é a prevenção da produção e a reciclagem dos meus resíduos, assim como a utilização sempre que possível de transportes públicos.
Procuro igualmente poupar no consumo de energia.
A alimentação é um aspecto que me preocupa também em termos ambientais, para além da saúde, pelo que procuro reduzir o consumo de carne pelos seus efeitos na saúde e no ambiente.
Tento, evitando ser chato, passar os valores da protecção do ambiente aos meus filhos.

LISTAS DE DISCUSSÃO TEMÁTICAS PARA SÓCIOS

INSCREVA-SE

No sentido de possibilitar a troca de informações e pontos de vista sobre diversas áreas e tendo em consideração que nem todos os sócios têm o mesmo tipo de interesses nem a mesma disponibilidade para receber emails, foi recentemente criado um conjunto de listas de discussão temáticas. Presentemente existem apenas três, mas outras poderão ser criadas, sendo que nessa altura serão comunicadas as instruções para quem se quiser inscrever.

Cada lista temática tem um moderador, devendo o pedido de inscrição ou qualquer outro pedido de natureza semelhante ser dirigido para o seu correio electrónico de contacto. Cada sócio poderá inscrever-se apenas numa ou em todas as listas temáticas indicando o seu nome completo e número de sócio a cada um dos moderadores.

LISTAS DISPONÍVEIS

listaquercusinterna@quercusancn.pt
Moderador: Francisco Ferreira – franciscoferreira@quercus.pt

listaenergiaclima@quercusancn.pt
Moderador: Francisco Ferreira – franciscoferreira@quercus.pt

listaquimicos@quercusancn.pt
Moderador: Susana Fonseca – susanafonseca@quercus.pt

PAGAMENTO DE QUOTAS

A Direcção Nacional apela a todos os associados para regularizarem o pagamento das quotas. Se quiser pagar por cheque aproveite o envelope rsf que lhe enviámos no final do ano com a informação sobre quotas em falta. Pode também pagar por vale postal. Se preferir pagar por transferência bancária utilize a seguinte conta da CGD com o NIB: 0035 0239 0001 2649 6306 5 (neste caso informe-nos da data e montante transferido através dos contactos da gestão de sócios: 284 321326 ou 93 7788473 ou para o e-mail: gestaosocios@quercus.pt.
O valor das quotas para 2011 é igual ao dos anos anteriores ou seja adulto 20,00€; estudantes até aos 26 anos 13,00€; jovens até aos 15 anos 8,00€; colectivos 45,00€.

Notícias com a "newsletter" da Quercus

Com o objectivo de proporcionar mais informação aos associados e simpatizantes da Quercus tem sido editado o "Boletim Quercus". Esta edição semanal está associada ao site da Quercus e é simples de subscrever, basta registar o endereço de e-mail em **www.quercus.pt**.

Imprima e envie para QUERCUS-ANCN - Gestão de Sócios - Apartado 230 * 7801-903 Beja

QUERCUS - Associação Nacional de Conservação da Natureza
Gestão de Sócios

E-mail: gestaosocios@quercus.pt * Telf.: 284 321 326

Boletim de Admissão a Sócio

A preencher pela Quercus	
Nº Sócio	Estatuto
Núcleo	Data

Nome:
Sexo (F/M):
Morada:
Localidade: C.P. __ __ __ __ - __ __ __
Concelho: Distrito: País:
Telefone: Fax: E-mail:
BI nº: Data Nasc: / / Nacionalidade:
Nº de Contribuinte: Profissão:
Data: Assinatura:

Quota anual: Júniores (até 16 anos) - 8 Euros | Estudantes (até 25 anos) - 13 Euros | Adultos - 20 Euros | Colectivos - 45 Euros

Modo de Pagamento

☐ Numerário | Valor _____
☐ Cheque/Vale Postal* | Nº _____ Banco: _____ Valor: _____
☐ Transferência Bancária* | Data: _____ Valor: _____

A preencher pela Quercus

Recebido (Núcleo/CEA/etc.) **Receptor da Inscrição**

* Deve ser enviado juntamente com esta ficha o cheque/vale postal/comprovativo de transferência bancária.

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE: Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza

MORADA: Centro Associativo Bairro do Calhau, Bairro do Calhau, 1500-045 Lisboa

TELEFONE: 217 788 474

FAX: 217 787 749

EMAIL QUERCUS AMBIENTE: jornal@quercus.pt

SITE QUERCUS: www.quercus.pt

DIRECTOR: Susana Fonseca

DIRECÇÃO EDITORIAL: Idalina Perestrelo

MARKETING: Marcos Bartilotti

GRAFISMO: Ideia Clara. Design

COLABORARAM NESTE NÚMERO: Alexandrina Pipa; Ana Cristina Costa; Associação Árvores de Portugal; Associação Transumância e Natureza; Cândida Mendes; Carmen Lima; CIR – Centro Informação Resíduos; Daniel Magalhães; Direcção Nacional da Quercus; Ecocasa; Eduardo Dias; Filipa Amado; GEVA; Grupo de Trabalho da Água; Grupo de Trabalho da Conservação da Natureza; Idalina Perestrelo; Joana Alves; Joaquim Sande Silva; Jorge Paiva; Maria Caldeira; Narciso Braga; Núcleo Regional de Aveiro da Quercus; Núcleo Regional de Braga da Quercus; Núcleo Regional de Castelo Branco da Quercus; Núcleo Regional da Guarda da Quercus; Núcleo Regional de Lisboa da Quercus; Núcleo Regional de Portalegre da Quercus; Núcleo Regional do Porto da Quercus; Núcleo Regional de Vila Real e Viseu da Quercus; Nuno Sequeira; Paulo Lucas; Planetazul; Rita Costa; Rui Berkemeier; Samuel Infante; Sara Campos; Susana Fonseca; Vanda Marques; Vânia Seixas.

FOTO CAPA: Idalina Perestrelo

FOTOS: AFP; Ana Cristina Costa; Amorim; Árvores de Portugal; Cândida Mendes; Daniel Magalhães; Dário Cardador; Eduardo Dias; Extruplás; Gabriel Lagarto; GEVA; Hélder Spínola; Idalina Perestrelo; Joana Alves; J L Margarido; Jorg Freyhof; Jorge Paiva; José Garcia; Luís Avelar; Milú; Núcleo Regional do Porto da Quercus; Paulo Lucas; Paulo Domingos; Quercus; Ricardo Nabais; SGR; Samuel Infante; Unisilo; Vanda Marques; Vânia Seixas; Vasco Guimarães; Vítor Luís.

IMPRESSÃO: Mirandela Artes Gráficas

TIRAGEM: 10 000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº: 200020/03

O conteúdo dos artigos constantes nesta publicação é da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

MECENAS PRINCIPAL

REN Redes Energéticas Nacionais

MECENAS JORNAL

valorpneu

VEOLIA ÁGUA

MaiaMaisSustentável

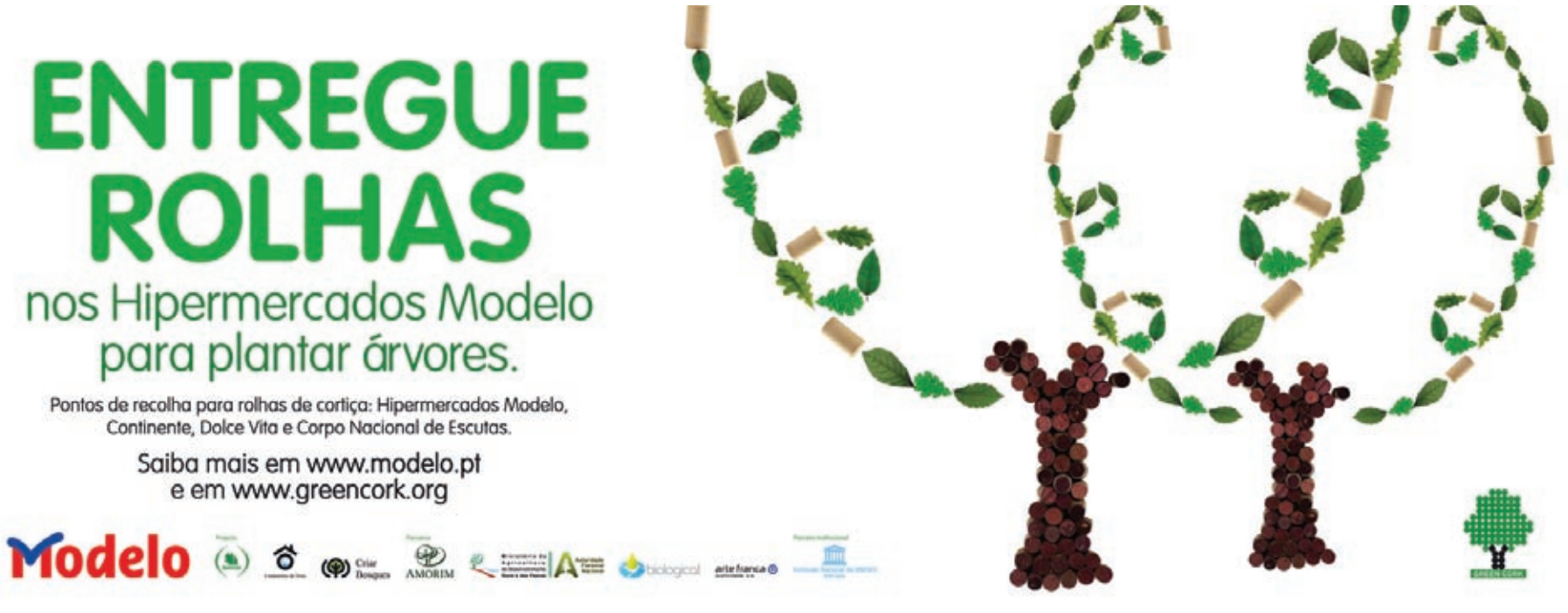
No passado dia 9 e 14 de Abril, realizaram-se as palestras com a seguinte temática " O Ruído e os seus impactos" e "Cidadania e Sustentabilidade", respectivamente, no âmbito do projecto "Maia + sustentável".

Ambas ocorreram no Tertúlia Castelense, na Maia, e houve uma adesão bastante significativa por parte da população. No evento sobre o "ruído" houve um Concerto de Taças Tibetanas, orientado pela professora de yoga, Ana Taboada, com larga experiência nesta área. Relativamente ao evento sobre "Cidadania e sustentabilidade", houve a apresentação das Tunas Femininas do ISCAP e ISMAI, que proporcionaram um excelente momento a todos os presentes.

O próximo evento será no dia 22 de Maio, Dia da Biodiversidade, um passeio guiado pelo Parque de Avioso, Maia, sob a orientação da equipa do projecto "Charcos com vida".

Em Junho será um passeio ciclístico pela periferia da Maia no dia 18, pelas 16.00hs. Esta actividade ficará a cargo da FPCUB (Federação Portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de bicicleta), e no final haverá sorteio de diversos prémios para os participantes.

O Ciclo de conferências termina a 6 de Julho, pelas 15.30hs.com uma palestra sobre o tema "Comércio Justo", no Pequeno Auditório da Maia. Este evento está inserido na Feira anual de Artesanato da Maia.

A entrada é gratuita mas com inscrições obrigatórias em www.maiamaissustentavel.org

Apareça.